

ADAILTON J. CHIARADIA

A DAMA

DA

DISCÓRDIA



# A DAMA DA DISCÓRDIA

Um frio miserável lá fora, entrando por frestas e orifícios esquecidos, penetrando pelos ossos velhos e cansados, fazendo com que as árvores nas praças ficassem trêmulas como virgens tocadas em partes íntimas, num misto de surpresa e estranhas emoções... Até mesmo uma chuvinha lamurienta e fazendo birra, teimosa e sorrateira vinha dando sua contribuição molhada, penetra e fora de hora, deixando o quadro mais lúgubre naquela sexta-feira sonolenta e escura. O céu noturno cobrira-se de luto, permitindo apenas que alguns raios esparsos a iluminassem momentaneamente, sempre à espera do jamais negado aplauso dos trovões, aplauso que chegava logo depois com voz de baixo cantante de cantor de ópera. Ainda assim, o homem suava bastante dentro da casa, aquecida com pesadas cortinas marrons nas janelas fechadas, como guarda-costas de plantão, impedindo a entrada do tempo inclemente ao ar livre e desejoso de encontrar abrigo. Acontece que, na verdade, ele tinha uma razão muito forte para estar com seu estado de nervos aflorado, revelado claramente mesmo diante de um olhar menos atento e despreocupado, mostrando um tremor quase imperceptível nos dedos longos e finos e de movimentos rápidos como as garras afiadas um felino encurralado.

Com gestos cansados, pausados, vagarosamente ele colocou o tabuleiro de xadrez na pequena mesa de mogno, escura e baixa, e com um toque especial de pai carinhoso, enfileirou as 32 peças nas suas respectivas casas - acariciando indolentemente cada uma delas, numa demonstração de velado respeito e intimidade, um cerimonial de agradecimento pela liturgia futura (e apaixonado e respeitoso pelo jogo, sempre gostava de dizer, ao iniciar uma partida, a frase latina de abertura de missas - "*Introibo ad altare tuum*" ("*Entro no teu altar*"). Era íntimo delas. Experiente, colocou as peças pretas de um lado, as brancas do outro,

estas de costas para a estante logo atrás, elegantemente postada no meio de uma parede de tom azul claro. Os 16 Peões ali ficaram, garbosos e calados, como um escudo protetor diante das peças maiores, silenciosamente postadas em seus nichos. Valentes soldadinhos roliços, estáticos, mas ansiosos para o primeiro passo rumo à viagem inesquecível por galáxias desconhecidas e cheias de estrelas multicoloridas, na frenética batalha do jogo criado pelos homens, quando estes eram semideuses. Concluída a tarefa, o homem ali ficou, perdido no seu mundo particular, imerso nos seus pensamentos secretos. Deu em passo vagaroso para trás, acendeu um cigarro longo de filtro amarelo e, numa nuvem de fumaça azul, que teimava em permanecer em baixa altitude, boiando indolente e preguiçosamente em círculos disformes, contemplou, numa visão mais ampla, sua tarefa banal, automática e nada original.

Dirigiu-se, em seguida, com passos lentos e medidos até à estante alta, de uma maneira tão silenciosa que mais parecia um felino num teto liso, escorregadio e cheio de limo que o tempo e o descuido iam acumulando, parecendo um autômato com pilha fraca, arrastando no chão liso seus chinelos de couro marrom. Ligou um botão preto e redondo, que estalou de susto e fez um painel de pequenas luzes coloridas se acender imediatamente; girou, em seguida, um outro botão, também redondo, cinza chumbo.... 60 graus à direita e uma música suave invadiu o ambiente, até então em silêncio de platéia na expectativa do espetáculo; o som surgiu para a vida, vindo de duas caixas quadradas, de um verniz velho e descascado, possantes e dissimuladas lado a lado, em nome da estética e da falta de espaço, com perfeição acústica agradável aos ouvidos. Achou o som um pouco alto e baixou a medida para quase a metade... na verdade, 35 graus, finalmente o estabilizando em 43. Ficou na altura ideal, pensou - audível, sem incomodar, apenas um fiozinho melódico ao fundo, compondo o cenário.

Música para jogar xadrez... se é que isto existe. Era, enfim, uma música suave, sem letras para não tirar a necessária concentração, beirando mais o clássico do que o popular, composta para acalmar um dia turbulento de trabalho duro (ou, quem sabe, de noite dura?) - um violino lânguido e chorão, esquálido com porte de manequim e um saxofone gordo e balofo, precisando de um regime urgente de uma receita funcional, dois instrumentos mostrando diferentes regimes de notas e dietas... e um piano balançando a cauda, com teclas tão brancas como uma dentadura de acrílico escovada com capricho...

Aquela noite seria especial, muito especial... Dentro de alguns instantes entraria por aquela porta de madeira envernizada, emburrada, embrutecida e silenciosa nas suas dobradiças de ferro fundido, a figura de um homem. Um jogador de xadrez. Um amigo. Bem, não exatamente um amigo, mas um conhecido de longa data, um adversário antigo. Por aquela porta entraria um oponente difícil de ser batido nas 64 casas sacrossantas de um tabuleiro quadrado. Pela porta entraria um velho conhecido de muitas lutas do passado. Hoje, entraria de novo, como o fazia toda semana, religiosamente nas sextas-feiras - mania antiga e enraizada de apaixonados pelo xadrez, e nova batalha seria ferrenhamente disputada. Luta difícil, como sempre e, por isso, valorizada, sem definição prévia de vencedor e vencido. Só que ele achava que iria ganhar. Hoje, ele tinha que ganhar...

Estranha fraternidade essa, a dos jogadores de xadrez, fauna especial e única. Verdadeiras aves rare, homens de diferentes classes e culturas, todos com uma paixão violenta e contagiante pelo jogo, um fanatismo por vezes inexplicável, que chega até mesmo a causar um certo sentimento de desconforto nos não iniciados. Apaixonados, sim, ou como gostam de dizer, com um amor profundo pelo Jogo-Arte-Ciência... uma arte que é muita ciência para ser jogo e muito jogo para ser ciência, como sentenciaram alguns, mais audazes e profundos em suas concepções. Tipos estranhos, por vezes, esses enxadristas (que orgulhosamente detestam ser chamados de meros xadrezistas e odeiam visceralmente quando suas formosas peças, esculpidas com exagerado capricho, são simplesmente rotuladas de pedras!...).

Reúnem-se sistematicamente em clubes, no mais das vezes bem organizados; outros tantos (especialmente os da velha guarda) se dão ao luxo de participar até mesmo de longuíssimos campeonatos por correspondência, que levam anos para terminar! Hoje, felizmente, graças ao advento do milagre da Internet, conseguem jogar com o mundo todo, em partidas ao vivo, enfrentando adversários dos mais distantes países, em partidas que não duram mais do que uns meros 20 minutos por lado... E nessas batalhas épicas, ainda assim conseguem amealhar uma série de inimigos mordazes... apesar de também surgirem amizades duradouras.

Alguns expoentes cometem a incrível façanha de jogar sem ver o tabuleiro (e chamam esta loucura de "*jogar às cegas*") e incrivelmente alguns há que extrapolam a linha da normalidade, pois enfrentam não apenas um tabuleiro, mas vários ao mesmo tempo (e chamam isto de "*simultânea*"). Coisa de louco...ou de gênio.. Estranhos, esses enxadristas... Outros há que fazem coleções de obras do gênero, um memorável desfile de grossos volumes em capas duras, sobre aberturas (com nomes estranhíssimo, onde parece haver mais consoantes atrevidas do que algumas vogais envergonhadas e sumamente tímidas), meio-jogo, finais, torneios, mate em 1, 2, 3 ou mais lances, dependendo da fome insaciável do ávido leitor., biografias de campeões e mestres famosos, do passado e do presente, de partidas que se tornaram célebres e imortais, como dizem, de *matches* por títulos importantes ou torneios consagrados, de conluios de bastidores, de histórias tragicômicas, até mesmo de famosas inimizades figadais, em acirradas disputas, celebradas em antologias consagradas em livrarias de luxo ou em sebos escondidos...

Diagramas cheios daquelas figurinhas de duas cores, um desfile de lances com pontos de exclamação, quando bons, ou de interrogação, quando ruins, por vezes juntos, quando duvidosos, dependendo do humor dos adversários, normalmente sempre azedos e com acentuada queda para o mutismo, o que se tornou marca registrada e exclusiva de Grandes Mestres, extensas análises de uma fertilidade de mulher grávida, espalhando-se em variantes e subvariantes de subvariantes de subvariantes... Um negócio que parece não ter fim, onde o neófito se perde num labirinto de Creta, por vezes semi-afogado num mar de teorias, pondo a cabeça para fora à procura frenética de um pouco de ar...

Tomos sisudos severos e geralmente volumosos, de títulos carrancudos, gordos, pesados, capa dura e colorida e, como sempre, trazendo uma posição convidativa à análise, duras orelhas compridas, capítulos trazendo a vida e partidas de heróis e ídolos, no mais das

vezes de figurinhas premiadas, excêntricas, homens sistemáticos, complicados, freudianamente ciosos de uma genialidade piegas, precocemente envelhecidos, de óculos (enxadrista que se preza usa preferencialmente óculos de lentes grossas e armações pesadas...). Além, é claro, de um ar meio "*blasé*", de desligados da realidade ao redor e andando sempre com um ar distante, com o pensamento constantemente voltado para a ala da Dama ou do Rei (fora, é claro, a eterna preocupação de um xeque-mate inoportuno), vaidosos pela aura de privilegiada inteligência, capaz de causar inveja ou espanto ao homem comum, produtos esdrúxulos e repletos de superstições e relicários de idiosincrasias arcaicas...

Um mundo onde não há vilões, mas heróis com sede de vitória e um instinto puramente assassino, tentando esmagar o ego do oponente, como uma víbora peçonhenta, num mate na última fila ou num artístico afogado de Cavalo, bem no centro do tabuleiro, teatro nervoso da batalha inclemente, da carnificina implacável e quanto mais dolorida, melhor - um sentimento de refinado sadomasoquismo e prática comum no meio.

Acompanham, com devoção inconfessável de amantes, notícias do mundo do xadrez, colecionando recortes de problemas e finais complicadíssimos, compostos por seres exóticos e de nomes impronunciáveis deste imenso planeta de 64 casas finitas, figuras carimbadas de fama particular e única. Alguns ostentam a futilidade do pomposo título de Grandes Mestres; outros, na mesma trilha, de Mestres Internacionais, a caminho da perfeição e a maioria a falsa modéstia de amadores. Usam um linguajar todo próprio, com termos indecifráveis para os não iniciados, ritos maçônicos quase secretos, símbolos misteriosos, por vezes verdadeiros hieróglifos rabiscados em planilhas impolutamente virgens. Realmente, figurinhas bizarras, esses jogadores.... Respeitam-se no ódio e odeiam-se na admiração mútua. Paradoxais! Tão estranhos seres que alguns, quando atingem o cimo das conquistas, no Everest de suas façanhas, simplesmente param no tempo e no espaço, nunca mais voltando ao tabuleiro - provando, assim, que a posse é o túmulo do desejo!

Os dois personagens desta noite não fugiam à regra: conheciam-se há muito tempo e jogavam sistematicamente uma vez por semana, nos últimos tempos. Um deles, Vigo Pamplona, gordo, aparentemente preguiçoso e com um tique nervoso no olho esquerdo, era um bancário sistemático, respeitado jogador na comunidade - mais respeitado como esportista do que bancário, é verdade. O outro, Brando Catenas, professor de matemática, conceituado na região, magro como um número 1, raquítico como uma equação do 2o. grau, misterioso como um teorema de Fermat, de gestos bruscos como os colchetes de uma fórmula em evolução, que parecia não conseguir ficar imóvel como um mínimo múltiplo comum, fumando um cigarro depois do outro, à procura constante de ter algo às mãos, sempre sujas de pós de giz e o amarelado da nicotina.

Eram dois adversários contumazes - respeitavam-se no tabuleiro e uma vez por semana o ritual de uma disputa. Apenas uma, demoradamente jogada lance a lance, como só podia ser, e sempre disputada na ferocidade homicida de lado a lado, num silêncio de clausura, resultando no sofrimento de cilício de mártir do perdedor e no regozijo inebriante do herói do lado vencedor. Dois modernos gladiadores numa luta de morte no Coliseu em preto e branco da arena quadrada, quadriculada - com a diferença de que o vencido ressuscitava na semana

seguinte, Fênix cheia de desejo de vingança - e muito raramente a luta fratricida terminava num empate morno e pacífico, mas disputada ferozmente até à última gota de sangue das peças sobreviventes da carnificina, resfolegantes e extremamente cansadas...

O motivo porém, do nervosismo do professor não era exatamente pelo jogo de xadrez a seguir, pois estava acostumado com aquele ritual de toda semana, apesar de a partida sempre lhe aquele *frisson* que corre pela espinha, transformando-se num gosto de fel na boca após uma derrota sofrida e dolorida, ou num orgasmo trêmulo de vitória. Era outra a razão de sua estrutura psíquica abalada, bem mais delicada do que um mero resultado de um jogo casual, tão delicada que, na verdade, nem sabia exatamente como fazer seus preparativos, apenas de ter estado pensando neles há tanto tempo. Mas, de uma coisa ele tinha plena certeza: sabia perfeitamente como ia terminar! E o simples fato de se lembrar disso fazia com que os pelos de sua nuca se eriçassem, como os de um gato apanhado num beco escuro e sem saída, sentimentos mesclados de apreensão, medo, dúvida e sentia os olhos ficarem nublados por rápidos instantes. Nunca antes passara por uma situação assim, mas esta noite era a noite...

- Vigo Pamplona!... - murmurou Brando Catenas, com voz baixa e trêmula, mordendo o lábio inferior, nos olhos um brilho intenso, os pelos de seus braços se eriçando de repente e no coração uma mistura diversificada de sentimentos bem estranhos, bem indefinidos, mas fortes, muito fortes.

A música continuava tranquila ao fundo, deixando o ambiente num delicioso estado de aparente paz, embora ele sentisse no ar uma nuvem carregada de eletricidade. Voltou-se uma vez mais para o tabuleiro que acabara de montar e ali ficou, ora se apoiando num pé, ora no outro, coçando com a mão direita o queixo com uma barba rala e irregular, pensativamente perdido num ponto indefinido do tabuleiro, como se estivesse analisando a delicadeza de um lance decisivo, absorto diante da imagem estática e convidativa, antegozando as delícias de uma partida a ser realizada em breve, antevendo lances e planos estratégicos bem esquematizados, ideias bem formadas e fins bem definidos. Apagou o cigarro no cinzeiro azul, já abarrotado e sujo, como que esmagando um verme branco, comprido e nojento, com a cabeça envolta num capuz em forma de filtro amarelado, máscara contra gás tóxico - e o objeto ainda se contorceu de dores e insistiu em soltar um restinho de fumaça cinzenta e disforme, subindo em espirais numa última coluna dançando no ar, como uma naja embriagada, provando que ainda não estava totalmente fora de combate, gemendo, de mau-humor e reclamando baixinho do calor insuportável.

Seu pensamento retrocedeu no tempo e no espaço, para terras distantes, envoltas em ondas espessas de saudade, um tempo que, embora não tão passado, ainda era tão presente e sensível na memória viva. Sentiu um frio incômodo no estômago, que subiu pelo corpo e lhe causou um nó apertado na garganta seca e seus olhos, atrás dos óculos grossos, piscaram rapidinhos e sem ritmo, com as pálpebras mais como limpadores de para-brisa, varrendo sem compasso a chuva de pequenas lágrimas, salgadas e rebeldes, que insistiam em nascer aos borbotões... e a emoção o abraçou apertado, uma tremenda emoção sem nome e sem definição que ele, teimoso, tentava esconder com prudência e vergonha, embora as únicas testemunhas de

seu gesto solitário fossem um tabuleiro e as peças de xadrez à sua frente, mudas e insensíveis ao drama humano.

Esforçou-se em controlar o fluxo de sentimentos, mas fraquejou e disparou num soluçar sincopado e solitário, enquanto as peças, pacientemente enfileiradas, nada mais eram e nada mais podiam ser do que testemunhas, impedidas de qualquer manifestação animista de apoio ou carinho, compreensão e pena, mas solidárias apenas no silêncio respeitoso. Voltou-se uma vez mais para sua estante, escura e pesada, onde livros se perfilavam como hordas de possantes guerreiros alfabetizados, em formação bélica, dispostos em prateleiras sólidas e abarrotadas. Na parte inferior abriu uma gaveta central, que gemeu na mola necessitada de óleo lubrificante, um gemido metálico de uma letra só, mais grito do que uma onomatopéia noturna, baixinho, de susto, preguiça ou conformismo, abafado pelo som da música que não permitiu, na batuta de suas pautas, que o som desafinado se imiscuísse à perfeição sinfônica de sua orquestra.

Procurou, entre todas as coisas relaxadamente espalhadas na ampla gaveta, um vidro pequeno, claro e com um líquido amarelo e viscoso, cor que se enquadrava muito bem para o que tinha em mente. Alisou-o pensativamente, vagorosamente, hesitando por um instante e aí, num gesto brusco e decidido, nervoso, rápido e nada amigável, abriu-o com uma decisão homicida. Com a mão esquerda livre puxou duas taças de cristal, pequenas e bem trabalhadas, que brilharam à luz do teto. Ambas era exatamente iguais, tiradas talvez de um conjunto de meia dúzia do presente de aniversário; ambas tinham o desenho de um Cavalo de xadrez, estilizado, branco e de crina penteada, bem no meio de um pequeno quadrado de uma fina linha preta. Na realidade ele não sabia se elas eram taças para vinho seco ou alguma outra bebida mais nobre do que uma espumante cerveja, com direito a colete e colarinho, ou um uísque de nome consagrado - e pouco se importava com isso. Era um detalhe de etiqueta que pouco lhe dizia respeito. Elas serviriam, sim, e muito bem, exatamente para aquilo que ele tinha em mente, naquele instante, ao som da música e com o aval do tabuleiro cúmplice montado.

Com o cuidado de um boticário experiente na manipulação de poções delicadas, despejou numa delas o conteúdo do pequeno frasco. Não por inteiro, mas apenas um décimo, se tanto, o bastante para o fim a que destinava, uma dose suficientemente generosa, que desceu gosmenta, com lentidão de bicho-preguiça depois da decisão tomada, uma dose se movendo sem pressa e sabendo o rumo, vagorosamente como a lava incandescente de um vulcão acordando de sua hibernação centenária, cuja lava vermelha e exageradamente quente rolou abaixo como sangue novo, deixando um rastro preguiçoso que teimava em acompanhar o fluxo, ajeitando-se no fundo raso, enrolando-se como um gato siamês sonolento ou uma lesma gorda e cega.

Levantou cuidadosamente a taça premiada com a dose letal, mirando-a contra a luz diáfana. Examinou-a por um breve instante, certificando-se de seu gesto e deu-se por satisfeito. Ao fundo um violino gemia num dó maior. Voltou a guardar as duas taças no mesmo lugar onde se encontravam antes, atrás de uma garrafa gorda e redonda de vodca russa, que parecia sofrer de cirrose hepática incurável. Tomou o especial cuidado de colocar a taça com o líquido amarelo do lado esquerdo.

- Lado esquerdo! - falou para si mesmo, como que dando uma ordem numa voz grave e compassada, de maneira a não se esquecer da posição exata; afinal, em sendo professor de matemática, suas contas tinham que ser perfeitas.

Fechou o pequeno vidro, agora mais leve, mas não menos perigoso, não menos letal e o jogou, com um gesto de displicência, de volta à gaveta, vidro que rolou e se encostou cheio de intimidades em algumas canetas coloridas, e a empurrou de volta à sua posição original e, novamente fechada, novamente ela gemeu, parecendo aliviada ao ser deixada em paz.

Neste exato instante a campainha da porta foi acionada, dois toques rápidos e secos, e o som monocórdio chegou a reverberar no ambiente aquecido, desafiando a música que chegava à sua metade. Visita esperada e programada, ainda assim Catenas assustou-se a princípio, fazendo um gesto repentino com as mãos, enxugando a boca e engolindo em seco. Começava ali o segundo ato. Olhou o pequeno relógio de pulso, automaticamente para conferir o horário. Pontualidade britânica do adversário. Antes de abri-la, o professor dirigiu-se para a parte traseira da estante e ali ligou uma tomada branca, pequena e dissimulada no móvel. Nada aconteceu...e apenas ele sabia sua utilidade. Recompôs-se rapidamente, pigarreou sem jeito e, com um andar meio esquisito, ainda arrastando o chinelo marrom, abriu a porta, que deixou entrar um vento frio e sem educação, penetra apressado que invadiu sem pedir licença. Ao fundo, o violino deixara de gemer num solo de Paganini. Chorava, agora...



- Boa noite, Brando! - cumprimentou o visitante, já cheio de intimidades, prontamente estendendo um braço comprido e gordo, escondido no casaco felpudo, na ponta uma mão gelada e cheia de dedos pegajosos, no rosto redondo um sorriso profissional totalmente falso, exibindo uma fileira de dentes que, num exame mais atento, mostrava uma pequena falha no canino esquerdo.

A instintiva reação do dono da casa não chegou a ser percebida ou, se o foi, foi ignorada solenemente, mas foram os 3 segundos mais longos que se passaram antes de ele responder ao recém chegado. Também estendeu a mão direita, na ponta do braço fino, e a recolheu logo em seguida, como se aquele breve contato físico lhe tivesse causado asco ou dado um choque de 220 volts, numa desagradável sensação de indisfarçável nojo.

- Pelo que vejo, uma vez mais tudo está preparado e de acordo - afirmou o visitante, entrando com passadas rápidas, mostrando contentamento e dando a entender que nada era mais natural do que a simples obrigação do anfitrião.

Ele havia entrado pisando duro no piso da sala, fugindo do frio externo, encaminhando-se imediatamente para a pequena mesa, ouvindo a música que começara bem suave e aumentava num crescendo de piano embriagado, vindo da estante em luz diáfana (música que detestava, preferindo no máximo um bolero meloso e lento). Tirou o pesado casaco

cinza e o colocou no encosto da cadeira, pronto para mais uma luta, que prometia novamente ser feroz e implacável, como o foram todas as do passado.

- Sim... - completou o professor, um pouco atrasado na resposta, como se ainda estivesse colocando seus pensamentos em ordem, depois de engolir em seco, uma vez mais limpando a garganta - esta é uma noite muito especial...

- Especial? - indagou Vigo, arqueando a sobrancelha, sem atinar com o verdadeiro significado da frase dita em voz trêmula.

- Creio que sim... bem especial, na verdade...

- O que você está querendo dizer com isso, Brando?

- Bem - respondeu, tentando a duras penas manter alguma tranquilidade aparente na voz e evitando encarar o visitante, quando o brilho dos olhos reflete limpamente o estado da alma - acontece que hoje nossa partida terá um final bem diferente, bem surpreendente daquele a que estamos acostumados...

- Ainda não estou entendendo direito... diferente, como? Aqui só há 3 resultados possíveis e sempre será assim - vitória, empate ou derrota - disse o visitante, com uma sombra de desconfiança nos olhos castanhos, que ainda teimavam em piscar num compasso lento, como que acompanhando o ritmo musical ao fundo, embora seu olho esquerdo persistisse no tremor incontrolável.

- Eu sei, eu sei, Vigo...oh, como eu sei! Mas o que eu quero dizer é tão... tão fácil... Hoje eu vou ganhar! Hoje será a maior partida da minha vida! - exclamou, soltando os cachorros que tinha tirado do canil do fundo da mente, , liberado das coleiras e abrindo o peito que o estava deixando sem ar.

- Oh, isso? - desabafou Vigo, mostrando um certo alívio na voz, a par da surpresa da decisão adversária. - Bem, sempre vai ter a oportunidade, principalmente hoje, em que vou jogar de Pretas. Vamos a mais uma batalha de juro versus números... para vitória da arte, evidentemente...

- Nada original na frase, não? Sim, hoje eu vou ganhar.. e olhe que me preparei muito..Você vai acabar a noite numa situação bem desconfortável, num estado miserável... e confesso que ando muito cansado de ser impiedosamente surrado por você, semana sim, semana sim... É por isso que hoje eu me preparei com todos os detalhes, com extremo cuidado...

- Um dia da caça, outro do caçador, Brando, como dizem.. e aí está outra frase banal, sem nada de original, como disse - e ele sorriu amarelo, querendo mostrar-se amigável. - E tudo me parece muito bem preparado para uma verdadeira festança...

- Festança? Olhe, na verdade é muito mais do que isso...

- Mais? Mais s ainda? Como assim? - perguntou, voltando a ficar intrigado e alerta.

- Uma luta, uma luta que antevejo muito boa. Tudo dentro do que eu preciso: o tabuleiro, a música ao fundo, o frio rondando lá fora, uma sexta-feira sonolenta, uma noite bem escura e silenciosa, apenas nós dois aqui... tudo certinho, Vigo. Eu lhe prometo uma luta sem quartel! Hoje é o Dia V!

- Dia V? Dia V? O que é isso?

- V de Vitória...

- V de Vitória, não? Muito bem...mas, não pode ser V de Vexame?

- Ou V de Vingança...

- Ora, Brando...esse V pode ser de muita coisa...

- Até V de Verdade, eu acho...

- Se você diz assim... vamos ver, então. Estou pagando para ver....

- Você vai ver a verdade vigorosa, vencendo valentemente vergalhões vorazes, varrendo vestígios vergonhosos, volúpias vertiginosas... você vai ver, Vigo! - disse o professor, numa inspiração momentânea, sabendo que o outro nem perceberia que todas as suas palavras começaram com a letra V...

- Está bem, está bem...

- Você vai ver, Vigo...eu lhe prometo!

Um tanto quanto preocupado com aquela conversa meio sem sentido e fora de hora, Vigo Pamplona conferiu a posição, arrumou um Peãozinho não bem centralizado, virou seus dois Cavalos olhando para o Rei, conferiu o ambiente, procurando algo que não sabia definir com exatidão, pois não sabia o que procurava.. e nada lhe chamou a atenção... apenas aquela música chata ao fundo e a conversa desconexa de seu oponente. Enfim...

- Podemos começar? - perguntou logo, ansioso para dar início ao jogo e acabar com aquele clima incomum e aparentemente sem sentido.

- Só se for agora...



Os dois homens, num silêncio respeitoso de lado a lado, próprio da ocasião e do momento, sentaram-se ao tabuleiro. Um relógio pequeno, de dois mostradores redondos, já se encontrava do lado direito das Pretas, de acordo com as regras, completando o cenário, cronologicamente acertado para a tradicional e ferrenha batalha de 2 horas para cada lado. O visitante esfregou as mãos, não para espantar o frio, pois que o ambiente estava

devidamente aquecido (já tinha até mesmo tirado o casaco cinza, para ter mais liberdade de movimento), mas como demonstração da satisfação que sentia diante de um tabuleiro e na expectativa de uma partida que, pela afirmação do condutor das Brancas, prometia no mínimo ser extremamente emocionante.

Com um gesto estudado e lento, ainda sem encarar o matemático à sua frente, apertou, com o dedo médio da mão direita, o pequeno pino do relógio, relógio que seria não apenas testemunha da batalha, mas rígido controlador do tempo, fator importante de uma disputa e assistindo cronologicamente o desenrolar da longa luta, plateia privilegiada de primeira fila. O objeto, com dois mostradores como um par de olhos esbugalhados, parece que foi bruscamente acordado de sua letargia temporária e iniciou, de imediato, a contagem regressiva, impulsionado por molas contorcidas em posição mecânica, tiquetaqueando como um diapasão em precisão incessante, persistente. Ao fundo, a música agora desfilava uma linha melódica em ré menor, nos seus compassos da escala de Sol.

Ao apertar o relógio, pela primeira vez, o jogador das Pretas dizia, sem palavra, mas com seu gesto firme, que as Brancas deveriam fazer o primeiro lance da partida. Esta é a regra, na linguagem universal da espécie. O condutor das Brancas, no entanto, permaneceu imóvel, olhando de maneira fixa o tabuleiro estático à sua frente, como num estado de veneração hipnótica. Nenhuma peça foi movimentada, aliás o que era direito seu de usar o tempo que lhe conviesse. Um cigarro, esquecido e abandonado pela metade, continuava queimando no cinzeiro já bem sujo, e a fumaça, branca e tonta, sofrendo de labirintite aguda e sem noção de onde estava, subia em rolos ondulantes, como uma naja treinada, saindo da cesta de vime do hindu tocando flauta mágica. Aquele odor incomodava o bancário, mas era sua cota de sacrifício em nome do esporte. Aquela dança, macabra e ondulante, como o de uma dançarina amadora e bêbada, requebrando desesperadamente o ventre com celulite em Braille, pairava com leveza sobre o tabuleiro e o incomodava ainda mais. Compreendia, porém, o vício incurável do outro, pois era seu sustentáculo psíquico, muleta de sua necessidade química no cérebro, que pulsava excitado.

Ele detestava especialmente a enraizada mania do outro de jamais usar um isqueiro para acender seus intermináveis cigarros, mas sempre riscando um palito de fósforo, que tirava pacientemente de uma caixinha sempre bem suprida. Acendia rápida e mecanicamente seu cigarro e depois, caprichosamente e num ritual sumamente irritante, sistemático e incurável, ao invés de apagar o palito, quer o sacudindo no ar, assoprando ou esmagando no cinzeiro já sujo e sempre cheio, ele o colocava de pé, encostado numa borda qualquer e ali ficava olhando, enquanto o pequeno e esquálido objeto, condenado à fogueira, como um herói silencioso se contorcia de dor, numa labareda única até o fim do sacrifício de Torquemada. Mania incurável e irritante. Quantas vezes, imerso nos pensamentos de uma posição qualquer do jogo, automaticamente acendia outro cigarro e jogava o palito automaticamente no cinzeiro...e aí, lembrando-se de seu ritual sagrado, de seu gesto falho e incompleto, de seu pecado venial e quente, que escapara temporariamente de seu controle, ali ficava com o olhar tristonho, sabendo que alguma coisa estava faltando... e como compensação, sempre achava uma desculpa qualquer para acender mais um palito e, com o novo herói em brasa, seguia em frente com o festival piromaníaco...

- Ele está bem nervoso - pensou Vigo, saboreando o momento, aliviado.- Bem, melhor para mim...

O tempo voou nas asas céleres de um Pégaso preto e branco. Quase um minuto inteiro de total silêncio e completa imobilidade. Os dois não se encaravam, mas pareciam encarar as peças que aguardavam, pacatas, obedientes, estáticas, ansiosas também para o comando de mãos nervosas em movimentos coordenados. Diante do inusitado da cena, e não mais suportando a angústia da espera e do silêncio inicial reinante, injustificável e incomum, Vigo levantou os olhos, para sentir o que estava de fato ocorrendo. Para sua surpresa, viu, sim, que Brando o encarava durante, fuzilando-o de uma maneira estranha, com o olhar emburrado, mais parecendo a fina lâmina de um punhal pontiagudo rasgando a carne e soltando um jato de sangue quente e pegajoso, sujando o inocente tabuleiro à frente e deixando uma poça disforme no chão da sala.

- Sim...? - conseguiu balbuciar, sem entender direito o que ocorria de estranho e inusitado.

Nenhuma reação do oponente. Apenas aquele olhar fixo, meio maluco, neurótico, esquisito, loquaz no seu silêncio, falando tanto sem dizer uma palavra... um olhar de criança enfezada, posta de castigo pela travessura na sala de aula... um silêncio teimoso que parecia a ponto de explodir como um vulcão há tanto adormecido, puxando a massa ígnea de seu magma impiedoso que subiria como uma cascata ardente, deixando a lava destruidora como marca registrada numa fila luminosa de gases venenosos, descendo aos borbotões encosta abaixo.

- Está pensando em como começar o jogo? - perguntou Vigo, um tanto quanto sem graça diante da situação jamais antes ocorrida, completando a pergunta com um gesto longo da mão direita, voando baixo acima do tabuleiro ainda imaculadamente arrumado, enquanto o tique nervoso de seu olho esquerdo se acentuava de imediato.

Aquela pergunta direta, seca e feita em voz aguda, parece que trouxe o adversário de volta à realidade. Ele piscou rapidamente, repetidas vezes, como que saindo do estado de auto-hipnose em que parecia mergulhado. Sacudiu de leve a cabeça, num sinal negativo, procurando as palavras certas para responder, com voz grave e rouca.

- Não, não... não estou preocupado em como começar o jogo... estou pensando em como terminá-lo!...

O visitante sacudiu os ombros, num gesto característico de resignação, conformando-se com aquela resposta incomum. E de repente, foi feito o primeiro lance. O Peão Rei, alegre e bem disposto, andou rapidamente duas casas, ou melhor ainda, deu um pulo instantâneo no ar, como se possuísse as asas de Ícaro, como se estivesse um pouco assustado diante da repentina decisão de seu condutor. A peça foi levantada no ar, com determinação e num "*pas de deux*" (naturalmente com a parceria do jogador), com a graça e precisão de ginasta treinado, num balé com fundo musical, pousou solenemente na casa de destino.

- Peão Rei, hein? - desabafou Vigo, num desafio ao adversário, feliz por ter sido iniciado o jogo em vez daquele silêncio de velório de pouco antes.- Por acaso está pensando num Gambito do Rei? Quer que eu parta para um Siciliana? Que tal uma Francesa?

- O lance agora é seu, Vigo... por enquanto. O que vier, será bem-vindo, com certeza.

Demonstrando um alto grau de confiança (resultado lógico de prática constante de tantos jogos anteriores), o oponente também moveu seu Peão Rei duas casas, só que fez o lance com comedimento. Agarrou o Peão pelo pescoço fino e sem veias, firmemente entre o polegar, o dedo médio e o indicador da mão direita, dando a entender que não escaparia daquela garra de torniquete de carne branca (uma covardia, 3 dedos gordos contra uma pecinha tão fraca, tão indefesa...) e o levantou com lentidão, estendendo a mão e o deixando pousar com suavidade frente ao atrevido inimigo, que ainda não se refizera do susto da rispidez do lance anterior. E ali ficaram os dois, um tanto quanto sem graça, amuados, silenciosos ambos, cada um evitando encarar o outro, apenas aguardando certo futuro incerto, felizmente ainda uma incógnita, um desafio, um repto. Os dois jogadores mergulharam de cabeça nos seus mundinhos particulares, viajando por galáxias insondáveis ao homem comum; cada um à procura frenética de um plano de ação que trouxesse, ao final da pugna, a doce taça de mel da vitória e, para o adversário inapelavelmente batido e condenado, a cicuta amarga, que cria cicatrizes profundas na alma. Assim é o xadrez, que tem o poder de tornar os homens felizes... ou infelizes...

A partir daí foi uma sucessão rápida e automática de lances, de lado a lado, baseados no conhecimento da teoria e prática ao vivo, até saírem da importante fase da abertura estudada, antes da entrada no meio-jogo, no mais das vezes decisivo. Outros Peões, de ambos os lados, vieram juntar-se à luta, numa azáfama alegre de estudantes de primário na hora do recreio, cheios de passos de dança ligeira e correrias por todos os cantos, com gritinhos de surpresa, medo e alegria; Cavalos saíram relinchando de seus estábulos, com rédeas soltas e cascos com ferraduras novas e coruscantes, à procura de novos pastos; Bispos sisudos, de longas batinas brancas e pretas, abandonaram a placidez de suas clausuras, colocando-se estrategicamente em confessionários nas várias sacristias espalhadas pela Via Sacra do tabuleiro, com incenso perfumado de turíbulo, hóstia e água benta.

Dois roques do mesmo lado colocaram os Reis na segurança dos cantos, protegidos por um escudo de Peões de baioneta em punho; as Damas, até então imóveis, permaneceram atentas, acompanhando tudo com suspiros femininos, prontas para colocarem em ação seus poderes afrodisíacos de "*femme fatale*"; as Torres, pesadonas, armaram suas couraças para ataques brutais, abrindo brechas nas linhas inimigas em picadas rasantes de kamikases fanáticos. Tudo foi feito com rapidez, extrapolando duras lições devoradas silenciosamente à luz de velas, em longas vigílias noturnas - e o relógio era impietosamente atacado pelo norte, pelo sul, cutucado com intimidade do tempo, com toques de aríete de mãos abertas, dedos acusadores, hirtos e certos. Ali pelo 15o. lance, depois da fase teórica da abertura, chegou o meio-jogo, onde a refrega fez a necessária pausa para recuperar energias e redobrar o ataque com mais potência na fase seguinte.

Abateu-se sobre o frenesi da arena a longa pausa. Nervos dos dois lados, nenhum plano plausível ainda à vista. Maior o silêncio, ainda mais porque a música de fundo havia morrido num acorde lânguido de violinos entristecidos, cujas cordas retesadas geram como carpideiras sonolentas no último compasso pungente. No tabuleiro, a posição começava a ganhar seus contornos mais detalhados, sem nenhum favoritismo por enquanto, mas com as eternas intenções ferozes e homicidas bem declaradas. Dos dois lados, evidentemente. Ambos se encontravam por demais concentrados naquele pequeno mundo quadrado e mágico, onde a vida palpita em abundância, onde as peças se espalhavam numa fenomenal dança fantástica de morte e completo esmagamento do ego do oponente.

- Por que você teve que fazer aquilo... ? Foi o ato de um covarde.. de um canalha...e você foi tudo isso...

A pergunta direta, seca, sem meias palavras, partindo de um silêncio de tumba de Faraó que cercava o acanhado ambiente, antes entrecortado apenas pela música de fundo (que agora recomeçava no milagre da tecnologia num solo plangente de um piano declarando amor) ou pelo abafado som de peças deslizando de patins no tabuleiro, com um toque de caixa pelo bater rítmico do relógio, não foi entendida de imediato, nem a princípio respondida, pois ela fugia totalmente da delicada situação do jogo. Ela, porém, quebrou a paz reinante de uma maneira violenta e completamente inesperada. Passaram-se preciosos segundos até que Vigo, então perdido numa análise qualquer, a recebesse no cérebro concentrado, a traduzisse, a decodificasse, a assimilasse e a entendesse na sua intensidade. Sua mão traiu, involuntária e rapidamente, seu novo estado de nervo, sua surpresa com a frase e o medo aflorou imediatamente naquele momento ímpar - quer pela aguda posição que o desafiava, em ligeira desvantagem do ataque do adversário, quer pela indagação atirada no seu rosto, fria como um vento de inverno, de forma clara e sem subterfúgios, um verdadeiro tapa de luva no rosto, num convite inquestionável e irrecusável para um duelo mortal.

Vigo estava analisando a delicadeza de uma duvidosa incursão do Cavalo Rei, pelo centro, conferindo a possibilidade de um duvidoso (ou corajoso) sacrifício do Peão Dama, abrindo talvez decisivamente uma coluna vital para a invasão e ocupação de um comando no território inimigo, na forma de uma pachorrenta Torre se esbaldando na sétima. Piscou demoradamente, com quem acabara de acordar de um estado sonolento e letárgico. Levantou os olhos bem devagar, até encontrar os do homem rigidamente sentado à sua frente, e ali deu de topo com um olhar intrigante e gelado, que mais parecia fulminá-lo do fundo de um poço escuro e profundo. Estaria, por acaso, ele se referindo a... ?

- Que disse...? - perguntou, num fio de voz meio desafinada, mais para confirmar suas suspeitas e ganhar um tempinho extra para pensar numa resposta... resposta que evidentemente ele sabia que não tinha.

- Você entendeu muito bem, Vigo... muito bem mesmo! Chegou a hora da verdade... que vai doer e doer muito... Por que você teve que fazer o que fez? - repetiu, e sua voz ficou mais aguda, porque agora mais triste, porque agora mais sincera, porque agora mais dolorida.

O bancário estendeu a mão gorda para pegar o Bispo Dama, pensando em jogá-lo em 3R. Levou a peça vagorosamente até ali, mas antes de soltá-la, ele se arrependeu. Peça tocada, peça jogada, diz a lei, e obrigado a completar o movimento litúrgico da cerimônia eclesiástica, também vagorosamente, sempre ganhando um tempinho para a difícil tarefa de pensar, e mais difícil ainda para responder, resolveu colocá-lo em 4 Bispo, sem muita utilidade, embora o tenha ajudado a ganhar alguns segundos importantes, que precisa tanto..e quanto! Um lance por demais passivo, como passiva fora sua reação diante da pergunta direta, categórica, feita de supetão pelo professor de matemática, seu anfitrião, seu adversário e agora seu interrogador implacável, acusador, algoz...

- Você está se referindo a... - e não teve coragem suficiente para terminar a frase, de dizer um nome... podia ser que o outro estivesse se referindo a algo completamente diferente, nunca se sabe, embora no fundinho estivesse certo do cerne da pergunta.

- Mas, é claro! Claro, claro que sim! - e parecia que estava a ponto de explodir, de vez.- Estou falando... estou falando de minha família, Vigo... ou será que você achava que se tratava de outras pessoas...?

A simples menção da família, mulher e filho, deixou o ambiente ainda mais carregado e o velho professor sentiu um frio estranho na barriga, que subia até à garganta...e no fundo de seu cérebro cansado apareceram as figuras do pequeno Francis e da bela Sara, serena Sara de cabelos longos e louros, descendo pelas costas como uma cascata de ouro derretido e dois olhos azuis e profundos, como duas turquesas finamente trabalhadas por ourives premiado, em dia de inspiração... duas pequenas joias preciosas, incrustadas num rosto de mulher-menina... uma pintura barroca digna do talento imortal de Diego Velásquez...

- Sim, sim - tartamudeou o outro - eu sei do que você está falando - reconheceu, finalmente, pois viu que não tinha mesmo outra saída, já que era prisioneiro do passado que o condenava e o encarcerava no presente.- Mas, por que você traz este assunto, agora?

- Agora? O passado é carrasco, Vigo... por mais que passe o tempo, maior a dor, maior a tortura, pois não existe esquecimento. Por que eu trago este tema agora? Não seria mais correto e mais digno de sua parte aceitar este meu desabafo? - perguntou, avançando com rispidez e decisão o Peão Torre Rei duas casas, mostrando assim suas intenções claras e malévolas de um violento ataque na ala do Rei preto, já a esta altura devidamente rocado e prudentemente escondido no cantinho.

Embora ele, com este lance, desguarnecesse um pouco a segurança de seu próprio monarca, era o momento perfeito e inadiável para iniciar um tempestade de Peões naquela ala, ainda mais porque o momento pedia uma atitude decisiva.

- Vamos ser francos e diretos, professor, por favor... O que está acontecendo, afinal? Por favor, por favor... vá direto ao ponto que o está incomodando; do contrário, eu não sei direito o que está se passando, pois de repente interrompeu minha cadeia de raciocínio! - suplicou o visitante, profundamente incomodado com a situação e nervoso ao extremo; na

verdade, já não mais sabia qual o seu lance seguinte, ainda mais com aquele Bispo inútil esquecido nas redondezas...

- Muito bem... você pediu...

- Eu... eu pedi?

- Vigo...,você simplesmente cometeu um crime hediondo, incredivelmente hediondo...

- Mas, eu...mas eu...

- Nada de mas! Você destruiu meu casamento, meu lar, minha família... Você destruiu minha vida, Vigo! Destruíu tudo, de uma forma insensível, sem arrependimento, sem desculpas, sem perdão...A atitude mais torpe, mais miserável...Você sabe, sim, oh, sim, você sabe do que eu estou falando... Guardei essa mágoa por muito tempo, muito e muito tempo... esperando o momento certo de vomitar tudo na sua cara, de extravasar meu... meu ódio incurável e eterno, cego e surdo, há tanto tempo guardado no peito, doendo, doendo sempre. Chegou a hora de colocar tudo na mesa... de dizer o que tenho que dizer... de fazer o que tenho que fazer...

- Fazer? Fazer o quê?.. Brando, eu sempre lamentei tudo... Não, não, você não pode me culpar pelo desaparecimento de Sara..eu jamais....eu jamais quis isso...

- Claro, claro, não quis... se tivesse feito de outra forma eu já o teria matado há muito tempo, Vigo... Mas, no caso como aconteceu, a culpa foi exclusivamente sua, somente sua...Ah, Vigo, como eu o culpo! Como eu o culpo! Quantas noites eu acordava, de repente, com lágrimas me escorrendo pelo rosto... e só sentia solidão e dor e saudade...Eu sabia a razão - disse vagarosamente a frase, como que saboreando cada palavra, cada letra, cada acento, cada reticência tímida e calada...

O ímpeto da acusação fez com que o bancário temesse o efeito devastador da colocação das duas Torres na sétima.

- Você foi o único culpado, Vigo, o único culpado de toda essa tragédia que se abateu sobre mim - continuou Brando, colocando com raiva o Cavalo na coluna Rei, lance, aliás, bom, embora incompreensível que ele o tivesse encontrado naquele emaranhado de profundas emoções vivas, quando estava colocando para fora toda a amargura que havia suportado com estoicismo, silêncio, amargura e sofrimento durante um tempo enorme de muita dor e revolta, sentimentos que hibernaram no aguardo do momento oportuno de despertar com uma ira indomável.

- Você está muito alterado...

- E muito..e muito! E não é para menos, Vigo...oh, não, não é para menos! Aquela noite fatídica...aquilo jamais saiu de meu pensamento... pior ainda, jamais saiu de meu coração. Mês de junho, noite fria de um inverno inclemente...e minha mulher e meu filho voltando da igreja... e de repente você surgiu na esquina, com seu carro silencioso,

dirigindo feito um louco, bêbado como um gambá... irresponsável...e atropelou os dois. Atropelou e fugiu...deixando ali na calçada os dois corpos, um morto e outro ferido... Sara sobreviveu, mas meu menino, meu único filho, meu tesouro, minha vida, minha paixão...aquela criança inocente de 8 anos, ainda com vida pela frente...morreu na hora...na hora, Vigo!

Faltaram-lhe forças para continuar. A emoção era grande demais, insuportável o tempo todo, a saudade e a dor se fizeram mais fortes do que a razão. Vigo apenas ouvia, também sem voz, sem uma argumentação, se argumentação houvesse. Escutava, com o olhar perdido num ponto qualquer indefinido do teto, com os pensamentos desordenados, sem saber o que aconteceria em seguida. Não estava gostando nem um pouquinho do rumo que aquela conversa estava tomando...

- Você destruiu minha vida... Sara sobreviveu, mas sofria como eu sofria com a ausência da luz desta casa ...

Chorava, pouco se importando em parecer piegas, pois tinha que desabafar e terminar o que tinha começado e ninguém conseguiria impedi-lo agora. Uma fera ferida é perigosa e Brando tinha se tornado naquela fera enjaulada, pronta a arrombar a porta da prisão de barras de ferro trançadas e atacar com uma violência num fluxo contínuo.

- Você sequer se deu ao trabalho de socorrer as vítimas, Vigo...do mesmo jeito que chegou, fugiu covardemente, se escondendo no frio da noite...e se não fosse uma testemunha, talvez ninguém jamais viesse a saber a verdade...

- Foi um acidente, brando... um acidente...

- Acidente? Você ainda tem coragem de me dizer isso, com tal frieza, Vigo? Acidente? Acidente, coisa nenhuma! Um acidente na calçada? E depois a fuga, no meio da noite? Eu chamo isso de assassinato, frio, insensível e covarde! Depois daquele processo, em que você conseguiu escapar com a impunidade de sempre... aí, sim, começou o meu drama, a minha condenação... Eu, sim, é que fui condenado, no seu lugar! Fui condenado ao fogo do inferno, às dores da alma, dores sem nome...E Sara também. Ela sofria... e quanto! Sofria tanto que não aguentou e foi definhando a olhos vistos. E você sabe que ela morreu com problemas mentais...

A partida caminhava para seu final. Apesar do clima pesado de alta tensão que havia surgido com a estranha conversa e pesadas acusações, ainda assim o jogo se desenvolvia num milagre qualquer, mais em nome da tradição do que do desejo de uma concentração maior, com surgimento de lances e mais lances, não os melhores que pudessem ser feitos, em condições normais...e isto, por outro lado, já não importava mais. O que realmente estava em jogo já não era mais a ansiada espera de uma vitória, um xeque-mate a um Rei acuado.

Ela, a partida, tornara-se mero elo de ligação, motivo da reunião de dois homens que, no momento, enfrentavam um tema agudo mais sério - ela era simplesmente uma válvula de escape, para ambos, pouco importando seu resultado, tão desprezível, tão casual, tão insignificante. Nos seus estertores, peças foram trocadas velozmente, saindo quase que em fila indiana e no fim restavam apenas os dois Reis, naturalmente, acompanhados por alguns

Peõesinhos acanhados, de cabeça baixa e quase sem fala pelo tremendo esforço físico de ataques e defesas difíceis, impossibilitados de progredir. Uma posição amarrada e feia, beirando a monotonia. O empate tornara-se inevitável.

Como, então, o jogador das Brancas ousara afirmar que sairia vitorioso ao final da pugna daquela noite.? Era seu mais ardente desejo... ou estaria ele se referindo a uma vitória em outro campo?...teria ele algo mais em mente, uma carta escondida na manga...uma peça a ser promovida em breve...? Duvidar de tudo ou crer em tudo...tudo isso é muito cômodo e frequentemente dispensa o ato de refletir. Cervantes, o grande intelectual espanhol, disse que a dúvida é o começo da sabedoria. E dúvida era o que Vigo sentia, no momento, mas...onde a sabedoria?

- Empate? - propôs ele, balbuciando a oferta numa voz que revelava seu alívio, por um lado, e seu desconforto, por outro, demonstrando mais medo do que esperança e usando a única saída que encontrou para livrar-se do tema predominante da noite.

Brando fungou de leve, num ritmo descompassado, o que mostrava ainda o seu turbilhão interno; demorou um pouquinho e aí sacudiu negativamente a cabeça, enquanto seu lábio inferior tremia num espasmo nervoso. Tragou com ânsia a fumaça de seu eterno cigarro, como um náufrago em desespero agarrando-se à única boia da salvação.. Uma vez que havia dado início àquela fase, não conseguia parar, não podia parar, não queria parar...

- Quero falar um pouquinho mais de Sara, Vigo...eu tenho que falar...eu tenho esse direito...Você me deve isso...

- Escute, eu...

- Não! Eu não vou escutá-lo! Você é que vai me escutar!...

O susto foi grande. Agora tudo podia acontecer...e Vigo sentiu que tinha que ter muito tato, muita prudência, agir com calma ou então... ou então o quê?

- A dor nos lapida para vida, Vigo... ele nos torna melhores, ou piores. Abençoada seja a dor.. .le nos torna humildes e nos engrandece também. Eu senti que alguma coisa errada estava acontecendo com Sara, muito tempo depois de ter ocorrido a tragédia. A tristeza e o desinteresse pela vida estavam crescendo a cada dia...e a estavam consumindo pouco a pouco... sempre mais distante, vítima de uma depressão aguda e irreparável...

Engoliu em seco, vitimado pelo terrível peso da tristeza e das lembranças amargas e doloridas. Vigo não o olhava. Não tinha coragem de enfrentar o olhar distante e nublado do outro; não tinha defesa... não tinha nada, nem peso na consciência, nem remorso no coração, nem arrependimento na alma.Seus olhos iriam traí-lo naquele momento delicado e tenso, pois sequer tinha coragem de ouvir as acusações pesadas e verdadeiras. Não tinha argumentos para se justificar do passado, nem defesas para o presente. Tinha apenas que ouvir, e ouvir calado, e torcer para que tudo terminasse o quanto antes e quanto antes pudesse sair

dali. Ficou com o olhar perdido num certo ponto da ala da Dama, no tabuleiro semivazio, tão vazio quanto seu arsenal de argumentos ou defesas.

- Não houve nada que eu pudesse fazer, Vigo....ora, meu Deus, o quê fazer, numa situação assim? Se ela sofria, também eu sofria. A dor da perda foi tão grande que mexeu no seu coração, mexeu no meu coração. E ela foi definhando, cada dia mais fraquinha, cada dia mais quieta, mais distante, aqueles olhos azuis perdendo o brilho e a cor... uma flor que perdeu seu viço, murchando para a vida a cada amanhecer...até o dia em que não aguentou mais, Vigo.. Ela simplesmente desmoronou... desistiu da vida sem vida..e como você sabe, ela se suicidou...não de uma forma espalhafatosa, teatral, deixando uma nota final... não, nada disso. Vivia em silêncio e em silêncio partiu...no silêncio e na solidão de nosso quarto, na escuridão de sua mente atribulada...ou vazia, sei lá! Uma dose excessiva de um veneno fatal, Vigo...Sim, veneno...dormiu para sempre..fechou os belos olhos azuis e a escuridão tomou conta de sua alma...dormiu talvez até com serenidade....abandonou a vida...e eu só vim a descobrir isso na manhã seguinte, quando fui acordá-la...

- Eu lamento...

- Lamenta? Você lamenta, Vigo? Não, não, você não lamenta nada! Esta frase é boba e lugar comum. Acredito, sim, que não queria isso, mas não lamenta. E o que aconteceu me arrasou, se é que eu pudesse ficar mais arrasado ainda do que já estava. Não havia cura para o estado de distúrbio mental em que ela se encontrava, perdida num túnel sem saída, fragilizada ao extremo...e lembre-se que o suicídio é a maior prova da total liberdade do ser humano...

O professor alterava seu discurso negro com voz intercalada entre tons graves e agudos, com a saliva pulando de sua boca como água de uma fonte batendo em pedras, os punhos cerrados, os lábios crispados num acesso de ódio e dor, e de sua boca um filete de uma espuma branca de hidrofobia matando no nascedouro qualquer tentativa de defesa. Mas, quê defesa?

- Você nem me deixa falar, Brando...

- Falar? Falar o quê, afinal? Naquela noite em que você matou nosso filho... nosso único tesouro, você matou nós três, Vigo...nós três! Sara entrou num descompasso da vida, num processo irreversível de depressão profunda, lenta e gradual, sem retorno, sem cura, sem esperança. Poderia ser amenizada, sim, com um tratamento, mas longo, dispendioso, sem certeza de solução...e nem isso ela queria! Quando eu a encontrei, deitada na nossa cama, com os olhos semiabertos e que teimavam em continuar azuis, já sem brilho, sem calor e sem vida...aí eu vi o pequeno vidro de veneno ao lado...Nem um recado, um bilhete sequer, nem uma simples tentativa de justificar o ato extremo, um adeus, uma acusação, uma defesa..nada! E você, sim, você foi o culpado, o único culpado. Esta é a dor que eu guardei durante tanto tempo...coisa que você jamais sequer suspeitou, não tinha a mínima ideia, e continuou vindo aqui, toda semana, para essa porcaria de jogo que nos unia..e que agora nos vai separar. Você cometeu 3 crimes e tem que pagar pelos 3...

- 3? Você disse 3?

- E não foram 3? Homicídios qualificados...meu filho, Sara e eu...

- Crimes? Que crimes, professor? Foi um desastre involuntário, provocado pela neblina de inverno - tentou justificar-se, acuado atrás de suas peças pretas que, imóveis, pareciam formar um silencioso grupinho de testemunhas de seu extremo desconforto.

- Nada de desculpas, agora... Foi, sim, um crime covarde, irresponsável e totalmente imperdoável. Você tem que pagar pelo que fez. E eu vou fazê-lo pagar e pagar caro...

Vigo sentiu o chão fugir-lhe aos pés! Ficou ali, parado, congelado pelo medo, sem ação, sem reação, escondido atrás de suas peças pretas, como um escudo protetor, sem voz e com uma sensação terrível, sentindo um friozinho incômodo na espinha dorsal, que atravessava o esqueleto gordo e se fazia forte em pequenas pontadas no coração em pleno processo de taquicardia, batendo desesperadamente num ritmo alucinante de um tamborim de carnaval. A situação começava a ficar insustentável, cada vez mais delicada, num perigo crescente.

Um vazio enorme na boca do estômago deu-lhe ânsias de vômito, quase incontroláveis. A boca secou e ele engoliu um restinho de saliva, amarga como bÍlis, tentando lubrificar as cordas vocais para emitir algum som audível, fazendo seu pomo de Adão subir e descer com a violência de quem recebe um direto na boca ou um violento choque elétrico num chão encharcado. Teve uma vontade repentina de gritar "*Touché!*", mas viu que seria uma confissão de culpa ou um falso agrado; sentiu vontade de humilhar-se e pedir perdão, de joelhos se preciso fosse. Mas, não! Não faria isso! Um reconhecimento explícito de seu sentimento de culpa simplesmente faria com que a fúria do inimigo se avolumasse ainda mais, alimentada pelo sentimento de razão e crescesse enormemente, dando-lhe mais força, mais argumentos, mais direito a ações inesperadas. Ele tinha que chegar até o fim, fosse que fim fosse. Era o único papel que lhe cabia no drama que enfrentava, esperando que não se transformasse numa tragédia de final sangrento. Talvez pudesse criar alguma possível dúvida, ou incerteza, no ferrenho acusador.

Um homem num acesso de ódio é um perigo mortal, implacável, que não hesita em tomar qualquer providência para atingir qualquer fim. A raiva de um homem com razão é pior ainda. Ela fica no tênue limite da insanidade total, com reações imprevisíveis. Pode-se esperar de tudo. E um homem irado e com razão é o perigo maior, indizível, surpreendente, com as mais desconhecidas e inesperadas reações, ou as mais conhecidas, talvez. Vigo sentiu, mais do que viu, que qualquer tentativa de um diálogo, de fazer o outro voltar a raciocinar com lógica e calma, seria tudo em vão. Seria alimentar a fogueira do ódio extremo, jogar gasolina para apagar o fogo desordenado.

Devia, sim, procurar argumentos válidos, sustentáveis, convencer, se possível fosse. Jamais entrar no jogo alheio, numa discussão insana e sem uma argumentação sustentável. Mas, onde encontrar argumentos, ainda que válidos? Tinha, no entanto, como último recurso tentar com perspicácia, que eventualmente pudesse encontrar, acalmar-se o suficiente para encontrar uma saída, contornar a delicadeza do momento, tentar convencer aquela alma atribulada a voltar à trilha da normalidade, arrancando-a do fundo escuro e solitário

em que havia mergulhado de cabeça, ao longo dos anos, debatendo-se no lamaçal da dúvida, da incerteza, da desesperança e chafurdado num lamaçal de ódio virulento e incontrolável.

O momento era extremamente desconfortável e delicado, pois ali estava, vítima, num estado de nervo miserável, mais fraco do que o outro, que se cercara primordialmente da história e da realidade; estava cheio de incerteza de um destino que ainda estava nublado pela dúvida e se debatia numa areia movediça, areia fina, escura e pegajosa e quanto mais se movia, mais afundava. Alguém à sua frente também se debatia no mesmo lamaçal, mas no redemoinho do ódio que não conhece fronteiras, que arrasa a lógica e entorpece os sentidos, devastador e uma constante cheia de cuidados. O ódio é um prazer longo; o ser humano ama depressa, detesta devagar e odeia a longo prazo. Aquele alma atribulada trancara-se nos porões da mente e nas catacumbas da alma, a sete chaves, por tanto tempo, e agora emergia na plenitude de sua força. Era agora ou nunca. Sua força vinha num crescendo arrepiante, incontrolável, pronto para estraçalhar quem quer que se lhe opusesse alguma resistência. A alma de um homem mau é tormentosa; a de um homem com ódio é um inferno...

Vigo, num dilema crescente, olhou para a porta, de soslaio, um olhar furtivo e rápido, pois um olhar direto iria revelar suas intenções de desespero. Procurava uma saída de emergência, em última instância, ou de covardia, em primeira. Ninguém jamais o condenaria por tal atitude e, mesmo que conseguisse atravessar aquela porta, abençoada saída emergencial, aquele pequeno e maravilhoso espaço salvador, numa corrida desabalada de 100 metros rasos, com quebra de *record* mundial, ou num salto triplo de atleta olímpico, mesmo assim ele não tinha certeza da impunidade. Sua fuga seria a confissão maior de sua culpa... e não sabia o que esperar do futuro, se futuro houvesse. Aliás, futuro era o que menos o preocupava agora... o importante era o presente. Viu que seu destino parecia selado e só restava aguardar pelos acontecimentos e tentar se defender da melhor forma possível. É preferível um fim com horror do que um horror sem fim...

- Não fique apavorado, Vigo - disse, percebendo o olhar aflito e a vontade escancarada do visitante, lendo-lhe o pensamento como uma vidente de plantão. - Eu não vou cometer a loucura de lhe dar um tiro ou lhe enfiar um punhal garganta abaixo... Não sou um covarde de sua laia... que fugiu depois do crime que cometeu. Se eu quisesse fazer isso, não estaria aqui, fazendo este discurso que estou fazendo...

- Eu sei... - disse, aliviado, pelo menos momentaneamente.

- Não, não sabe nada! E isto é bom, porque está sofrendo. Um pequeno exercício de sadomasoquismo de minha parte. Mas fique sabendo que eu vou arrasá-lo, de uma forma ou de outra, mais sutil, mais profunda, mais maquiavélica, mais dolorida, muito mais do que você possa imaginar....

- O que você está querendo dizer com isso, Brando? - e sua voz voltou a ficar fina, pelo medo que renascia, como o choro de um bebê em fraldas molhadas.

- Vou até o fim, até o amargo fim. Vou denunciá-lo junto à administração de seu Banco, à polícia, às autoridades judiciais...

- Denunciar?

- Oh, sim, vou mesmo.. mais, mais ainda. Será que você é tão ingênuo assim? Estarei sendo o acusador direto, ferido no corpo e na alma. Eu vou abrir a ferida e colocar meu dedo ali. E não estou me importando nem um pouco com isso. Tenho minhas provas...

- Serão provas suficientes, professor? Não acha que elas podem ser consideradas como forçadas, arrancadas de alguém temporariamente desequilibrado, emocionalmente fragilizado...?

- E eu estou me importando com isso? Mas, isto não compete a mim julgar, Vigo. Eu sou apenas a ponta frágil desta história, desta tragédia humana, a ponta do iceberg que esconde muito mais, no seu tamanho. Eu sou a vítima, a terceira vítima. Eu vi minha mulher entrar num labirinto sem saída...sua depressão me atingiu, mexeu comigo. Eu a vi definhando, morrendo lentamente a cada dia, mais e mais, até o amargo fim. Eu fui vítima, Vigo...

- Eles podem considerá-la uma pessoa desequilibrada, emocionalmente instável e que não encontrou forças para continuar vivendo - conseguiu dizer, como única argumentação que encontrou no pouco arsenal que tinha, especialmente porque acabara de descobrir que a principal vítima não seria ele, recebendo tiro impiedoso ou uma punhalada certa e funda, já que o professor lhe dissera que não cometeria tamanha atrocidade, a tolice de um ataque direto.

- Forças para viver, Vigo? Forças para viver? E quem as teria, depois de passar pela tragédia que passou, que nós passamos juntos? Eu queria estar no lugar dela, no lugar daquele menino de ouro... mas fiquei para sofrer ainda mais, sofrer por ele, sofrer por ela...

- Suas acusações podem parecer a tentativa de vingança de um homem magoado...

- E são! Eles não estarão errados num julgamento assim. Que sejam isto! Que pensem assim! Não é de minha competência julgar. Vou fazer a minha parte, a parte que preparei com toda atenção e cuidado. Já esperei demais, mas hoje chegou o dia, o glorioso e sonhado dia....

Uma luz vermelha se acendeu imediatamente, uma vez mais para o visitante. Momento de muita atenção, de redobrado cuidado. Era melhor se calar, não dar corda ao outro, que poderia continuar fazendo acusações sobre a acusações...

- Mas, vamos voltar ao nosso joguinho, Vigo.... afinal, esta foi nossa última partida...

- Depois de tudo isso, já me desinteressei dela....

- E eu me desinteressei de muita coisa, há muito mais tempo... mas mantive o hábito, pensando apenas neste dia , numa noite como esta...

- Uma jogada a longo prazo...?

- Se quiser chamar assim...E decisiva.

Um oásis no deserto! Uma pausa refrescante, finalmente. Pelo menos por enquanto ele sentiu um momento de segurança, um clima mais ameno, longe de qualquer atitude mais ousada ou um gesto tresloucado do outro, longe até mesmo de suas palavras ferinas. A partida em si já não tinha tanta importância, ainda mais pela posição inócua que apresentava no tabuleiro.

- Aceita o empate, Brando...? - perguntou, de novo, talvez no fundo até mesmo querendo ter perdido o jogo, para abrandar o espírito revoltado do oponente e suavizar a tempestade que sabia ainda não ter passado de todo.

- Empate? Você está me propondo empate? - indagou Brando Cantenas, com um olhar de tristeza, encarando seu Rei, levezinho e solitário, enquanto acendia com a mão esquerda mais um cigarro, esquecendo-se, porém, de seu hábito de queimar por inteiro mais um palito magro e inocente no esqualido cinzeiro sujo.

- Sim, Brando.. é o resultado da posição - disse, apontando o tabuleiro, num gesto de total desânimo.- Ninguém consegue progredir aqui, sem correr o risco de perder. Meu Rei não consegue progredir, nem o seu avançar. E todos os Peões estão travados, nas duas alas. Se quiser se arriscar...

Brando examinou demoradamente a posição estática à sua frente, com um quê de tristeza e desapontamento, vendo os Reis em oposição, Peões completamente bloqueados e impotentes...nada mais restava, sequer uma última tentativa de *zugzwang* ou afogamento; a partida realmente terminava ali. Apenas a partida. Ele não conseguira realizar sua vontade de vencer, mas quanto ao outro desejo...

- Está bem... está bem, vamos dar por empate - sentenciou, com voz ainda mais trêmula, colocando seu Rei bem no meio do tabuleiro, em sinal da paz selada... e sabia que agora vinha o terceiro e mais importante ato da noite...

- Pelo menos você não perdeu esta noite, hein, Brando? - arriscou-se a dizer, na inútil tentativa de um agrado inoportuno.

- Não perdi, não é? É verdade...mas eu não estava me importando nem um pouco com o resultado...

- Você disse que ia ganhar esta noite...

- Mas, será que eu me referia à partida, Vigo...? Está bem, está bem, vamos beber a isso, beber o nosso uísque como sempre o fazemos ao final de jogo. Será nosso último drinque, também. Vamos celebrar pelo menos o empate, num clima mais ameno, digno da ocasião, digno desta despedida...

- Despedida? O que você quer dizer com despedida? - indagou, sobressaltado, resabiado, mais alerta ainda, arqueando a sobrancelha direita, como sempre o fazia numa

indagação, agora num sinal inconfundível de desconfiança, enquanto o tremor de seu olho esquerdo persistia...

- Estou dizendo que esta foi nossa última partida, Vigo. A última partida de tantas que já disputamos até aqui. Nunca mais vamos jogar juntos - declarou, levantando-se com dificuldade, demonstrando gestos cansados.

Os cuidados de Vigo redobraram. Apesar da declaração de nenhuma violência, o quê viria em seguida, como final de ato? O que aconteceria agora, terminado o jogo, único elo que os ligava na vida? E como recusar o convite para o drinque, depois de tudo, ainda mais que era parte do ritual das sextas-feiras, há muito praticado depois de um exaustivo jogo de xadrez, cansativo pela exigência de uma concentração intensa, que exigia tanto de mentes permanentemente concentradas e gargantas secas? O negócio era beber logo aquele uísque falsificado antes que as coisas se complicassem ainda mais do que já estavam. Viu atentamente o adversário arrastar pesadamente os chinelos marrons no chão duro e liso e dirigir-se até à estante. Pegou a garrafa de uísque, escondida da visão do visitante, visitante desconfiado que acompanhava com dupla atenção os gestos e escutava as batidas do próprio coração.

- Lamento ouvir isso, Brando, lamento muito - declarou, também com total fingimento, pois fingimento era seu prato favorito da noite, petisco de sua bebida que desceria rasgando pela garganta afunilada pela situação, embora no fundo estivesse sentindo um tremendo alívio diante da possibilidade patente de escapar, logo depois do drinque de final de noite.

- Com gelo? - perguntou, sem lhe voltar as costas.

- Não, não, puro e doce... você já conhece minha predileção...

- Conheço até demais, não...?

E o professor, com gestos lentos e estudados, pegou as duas taças e as colocou à sua frente, uma ao lado da outra e ali despejou as doses de sempre...e o uísque desceu generoso e com suavidade, com preguiça, ficou transparente, ficou convidativo. Teve o extremo cuidado fundamental de colocar nas duas taças a mesma quantidade, sem favoritismo, fraternalmente dividida, embora suas mãos estivessem um pouco trêmulas no delicado processo. Pegou com a mão esquerda uma delas ("*Sim, mão esquerda, esquerda!*" - seu cérebro lhe dizia, numa ordem fielmente obedecida).

Caminhou de volta, lentamente, talvez agora mais lentamente ainda, de novo arrastando os chinelos no chão frio, olhar perdido no tabuleiro semivazio; colocou seu copo, da mão direita, diante de suas peças e com a mão esquerda depositou a taça do visitante, bem devagar, fazendo um esforço danado para não tremer e deixar transparecer seu gesto no ato delicado. Milagrosamente não tremeu, não naquele instante mágico, mas seu pensamento estava pegando fogo. Também não ousava encarar o adversário, ou melhor, o inimigo "*Sim, inimigo*", continuava a lhe dizer seu cérebro em brasa, insistente numa vozinha ao fundo), com receio de deixar transparecer o que quer que fosse. Tudo foi feito em silêncio e em câmera

lenta, como num filme mudo antigo. Como num sonho. Como num pesadelo. Tudo melodramaticamente estudado, digno da solenidade crítica da situação e do momento.

- Vigo, vou lhe mostrar o documento que redigi...

- Documento? Que documento...?

- Meu advogado já tem duas cópias, que vai anexar ao processo e encaminhar a quem de direito, na próxima segunda-feira. Eu não faço nada escondido...comigo é tudo às claras. Você vai ler.

A partir desse momento, Brando mudou completamente sua maneira de agir, deixando de lado seu estado de torpor permanente, caracterizado pelos gestos em câmera lenta e falar arrastado, da maneira cansada e aparente estado de torpor. Já nem mais choramingava, na verdade, mas tinha um rosto por demais sério, mostrando ainda preocupação e uma ânsia qualquer de terminar o que havia começado. Tornou-se mais rápido, mais lépido, como se tivesse acordado de um pesadelo que o fazia sofrer. Agora, com passos vigorosos, dirigiu-se para seu quarto, pela porta à esquerda, à procura do documento citado e Vigo, que também parecia acordado de sua letargia nervosa, e vendo que nada mais tinha a perder, sentindo-se mera vítima, isca acuada numa caçada sem trégua e certa, e com um medo justificado, sem saber o que vinha pela frente, levantou-se num pulo rápido, elétrico, em total desacordo com seu volume e peso, como alguém que recebeu um choque na sua cadeira elétrica...

Poderia, sim, fugir naquele momento, uma oportunidade única, quando não teria nenhum impedimento maior. Mas, não, não queria nem devia fazer isso, pensou, ainda mais porque o outro estava aparentemente mais calmo, mais comedido e não demonstrava nenhuma atitude mais agressiva, ríspida e desesperada. E ainda havia aquela curiosidade normal em ver que documento era aquele que o professor havia citado - e fugir seria, além da declaração de sua culpa, a prova de sua covardia na aceitação da verdade nua e crua.

Não corria mais perigo, pensou, e nada de pior lhe aconteceria agora, a não ser a leitura enfadonha e cansativa de uma libelo acusatório, do qual já conhecia o teor, mas queria ver os detalhes, os argumentos das acusações feitas por uma mente perturbada, num momento solitário de ódio incontido. Uma leitura, sim, monótona, de uma monografia composta pela bília da raiva acumulada de alguém desesperado e possivelmente insano na sua solidão. Não temia nenhuma acusação, por mais dura e cruel que fosse, ainda mais porque se sentia suficientemente competente em sustentar, no momento adequado, diante das pessoas adequadas, uma defesa conveniente, convincente, agora e no futuro.

Temer, pois, o quê? Ouviu o adversário abrindo gavetas, no quarto, pelo som vindo da porta aberta e mecanicamente dirigiu-se para a estante, à frente, aproveitando a temporária ausência do anfitrião, pronto para dar uma desculpa qualquer de procura de gelo ou mais bebida, no caso de ser pego em flagrante. Não sabia bem o que estava fazendo, nem o que estava procurando - sentia apenas a irresistível compulsão de bisbilhotar. Com os olhinhos vivos e o constante tremor na pálpebra esquerda, sempre com gestos frenéticos e no maior silêncio possível, olhou as garrafas enfileiradas, 4 taças emborcadas, iguais às que foram servidas...e aí

viu que a gaveta central não estava bem fechada, deixando uma fresta escura...e não resistiu à tentação de abri-la de vez, ,sem saber o por quê...apenas o suficiente para olhar seu interior.

E foi aí,então, que ele viu o que não gostaria de ter visto. Viu o que, num misto de surpresa e horror, contou-lhe, num átimo de segundo, todo o plano arditamente arquitetado pela mente doentia do anfitrião, na solidão de seu plano de vingança. Ali, na sua frente, deitado de barriga para cima, o vidrinho de veneno, com aquele maldito símbolo maldoso e fatídico de uma caveira, com dentes arreganhados num esgar de morte e dois ossos longos, entrelaçados num "X" eivado de sadismo e promessas de convulsões violentas, uma figura medonha da morte espreitando em suas gotas pegajosas...

Seria, por estranha ironia do destino, o mesmo vidro de veneno mortal com o qual os belos olhos azuis de Sara se fecharam para sempre, consumindo uma dose fatal naquela noite de tragédia? Excesso de morbidez, cúmulo de coincidência? Pouco importava. Ali, displicentemente jogado num cantinho, o vidro com a tarja preta da proibição e alerta, a caveira ainda sorrindo (sempre sorridente, a sádica...), com duas cavidades oculares exageradamente oculares, os dentes arreganhados numa risada muda e diabólica e as túbias formando o "X" do final em dores e contorções espasmódicas. Pegou o vidro para se certificar e sentiu um frio ainda maior na boca do estomago, diante da visão fantasmagórica, os cabelos de sua nunca se arrepiando de repente, num pavor imediato, sentindo que seu lábio inferior fez parceria com seu olho esquerdo, numa tremedeira de vara verde, os dois órgãos num compasso sem controle, acusando a gravidade enferma da mente do futuro assassino, numa situação de extremo desconforto e perigo... e o tique do olho e o tremor do lábio revelavam insistentemente seu pavor sem freios...

- Ele vai me matar! Ele vai me matar! - pensou, quase em voz alta, desesperado e trêmulo e por um momento não sabia bem o que fazer.- O canalha quer me envenenar...oh, meu Deus! Oh, meu Deus!...

Seu primeiro impulso forte foi o de fugir. Fugir imediatamente, sair correndo por aquela porta, deixando seu casaco para trás e sumir numa carreira desabalada pela noite fria e silenciosa. Sim, sim, ali estava o grande motivo para o convite à bebida que, apesar da tradição, fora feito no momento mais impróprio, não pelo empate monótono, morno em uma partida sem emoção, mas sim pelas acusações graves, tão diretas, tão definitivas, tão cheias de verdade e tão sem respostas das verdades duras e das recordações dolorosas.

Beber a quê? Celebrar o quê? Naquela altura dos acontecimentos? Nada fazia sentido. Ainda mais que aquela tinha sido a última partida, conforme desejo demonstrado pelo anfitrião. Claro, eles sempre tomavam uma generosa dose do eterno uísque envelhecido, sem graça e sem fama, após um jogo sempre tenso, quando depois comentavam alegremente a partida recém terminada, um acontecimento comum que os jogadores de xadrez chamam de "*post mortem*". Mas, naquela noite? Depois de tudo e de tudo o mais? Um queria livrar-se do outro; o outro queria livrar-se do um... Não era celebração de nada, nem de adeus. Ou seria? Depois do vendaval de acusações sérias, enquanto lances dos dois lados foram feitos

muito mais em obediência a uma tradição do que uma necessidade urgente de uma partida digna, de um plano bem arquitetado?

Ainda bem que ainda não tomara uma gota sequer de sua taça, que continuava virgem na mesinha, ao lado de suas peças, peças que tentavam manter-se prudentemente afastadas e precavidas. Também, como tomar, com a garganta lacrada pelo medo? Teve uma vontade quase incontida de jogar o conteúdo no tapete, atrás da estante, e fingir que tinha bebido... mas, sim, sim, o outro descobriria sua fraude, vendo a arma do crime desperdiçada tão displicentemente, seu ato de covardia (ou esperteza, prudência, ou que nome tivesse) e, tendo chegado até onde chegou, o anfitrião, vendo seu plano ir por água abaixo (ou seria bebida abaixo...?) teria outra reação, talvez mais violenta, completamente inesperada, mais definitiva e segura, sabendo que o plano havia falhado por completo e jamais teria outra chance igual. Nunca se sabe o que esperar de alguém fora de si, que chegara até onde chegou.

Teve uma inspiração do momento: no instante que Brando voltasse com a papelada, ele pegaria sua taça, dando a impressão de bebê-la e, num gesto brusco e bruto a derrubaria no chão, como se ela lhe tivesse escapado da mão, esperando que se espatifasse em duzentos e trinta e sete pedaços no ladrilho duro e frio da sala, ou no mínimo que o líquido contaminado se espalhasse pelas gretas, matando insetos sedentos e inocentes, como inocente era ele... e fingindo consternação, pediria mil desculpas e um pano seco para limpar a sujeira... E daí? Para que o outro não percebesse sua providencial desculpa ao acaso, fechou rápida e cuidadosamente a gaveta que ainda assim, rangeu de leve, mais um murmúrio na mola sedenta de lubrificante, num som metálico de despedida...

Seus pensamentos, completamente desordenados e perdidos, justificadamente em polvorosa, corriam desabaladamente... Brando, seu parceiro de xadrez, pai do menino que morrera no atropelamento noturno, marido de Sara, que despencara no abismo mental da depressão aguda, incurável e fatal, o acusador implacável, tinha tomado uma decisão escabrosa e definitiva: envenená-lo ali naquela sala, naquela noite, naquela taça...

No momento em que Vigo voltava para seu assento, meio que perdido ainda, ainda com os olhos atentos e ouvidos apurados, escutou pela porta semiaberta que Brando estava desligando o telefone, pelo som da campainha. Telefone? Não, ele não o ouvira tocar. Brando havia feito a ligação, sem dúvida. Mas, que ligação seria aquela, naquela hora? Para o papa-defuntos, talvez, com antecedência? Uma ambulância? Sentou-se imediatamente, sem saber ainda o que fazer, olhando com nojo e medo aquela taça estática à sua frente, com o líquido amarelo e tudo o mais...e ali ficou, com cara de idiota. Sabia, sim, e de uma coisa tinha certeza inabalável: jamais beber aquele uísque! Se pusesse na boca uma gotinha sequer, teria uma reação espasmódica violenta e instantânea, vomitando tudo no chão e já se contorcendo numa crise aguda de apendicite.

Pegou, com certo tremor nas mãos, a taça para sentir algum cheiro estranho, diferente e nada sentiu. Também pudera, nada entendia de venenos. A cor continuava a mesma, o mesmo amarelo, a quantidade igual à da outra taça, do outro lado. Talvez a dose ali despejada tivesse sido bem pequena para alterar a quantidade, mas, por menor que fosse, era veneno e bastam algumas gotinhas para surtirem efeito, instantâneo ou retardado. E isto lhe bastava para

aterrorizá-lo ainda mais. Voltou a colocá-la no seu lugar, não exatamente na mesmíssima posição, pois sua mão começa a tremer demais, como se estivesse numa crise aguda do Mal de Parkinson, mostrando seu estado incontrolável a olhos vistos. E ali ficaram as duas taças, convidativamente saborosas com o uísque cor de ouro, ouro de tolo, iguais na forma, com um desenho de um Cavalo de xadrez, estilizado num quadrado perfeito, com o mesmo líquido, na mesma quantidade...a sua, porém, premiada tinha um brinde especial... Desesperado, a ideia fixa de derrubá-la no chão, fingir uma tosse (como tossir?) ou iniciar uma contra-argumentação mais ríspida e, num falso gesto de ira na troca de palavras, jogar a taça com violência no chão... Tudo era válido. Só não podia, jamais, sonhar em bebê-la...

Mas, não, não! Nada disso funcionaria diante do outro, atribulado, nervoso, com ideia fixa e intenções claras. Se ele havia chegado até àquele delicado momento de esquematizar um assassinato frio (ou líquido, diria melhor...), qual seria então sua reação, vendo seu plano falhando miseravelmente...? Seus pensamentos nasciam aos borbotões, atropelando-se uns aos outros, numa corrida desenfreada à busca de uma resposta, de uma solução qualquer. Ora pensava numa coisa, em seguida noutra...e no fim em nenhuma. Sabia, sim, que tinha que tomar uma decisão de caráter imediato, de urgência urgentíssima, antes que o outro retornasse de seu quarto, com uma papelada qualquer nas mãos, mais uma peça estranha, mais um libelo de acusações sérias. Fingir que bebia e vomitar no chão? E a reação do outro? Que atitude extremada tomaria, amargurado como estava, decidido como estava, verdadeiramente enlouquecido pelo fogo das lembranças amargas como fel, pelo sofrimento mantido em segredo nas noites mal dormidas e solitárias, sua mágoa mantida como uma cicatriz pulsante e indelével na mente, no coração e na alma...?

O medo de Vigo não era o de ser obrigado a ingerir a bebida, num gole único, aquele líquido maldito descendo fervendo goela abaixo, queimando a garganta que se tornara por demais pequena pelo medo crescente. Obrigá-lo a beber não seria um ato lógico. O plano era sutil, maquiavélico, com requintes da mais sádica maldade, esquematizado nos seus detalhes escabrosos nas noites rolando na cama, talvez com um suor pegajoso pelo corpo todo nas madrugadas mal dormidas, vendo na fimbria do horizonte o sol nascendo e ele ali, morrendo em silêncio... Seu temor maior era a reação imprevisível.. receberia um tiro? ...seria esfaqueado? Não temia agressão física, pois a magreza do professor o aconselhava a não tentar algo neste sentido...e Vigo era fisicamente superior, maior, embora Brando tivesse se tornado um gigante quando colocou para fora toda a sua frustração, seu ódio, sua amargura, deixando o inimigo impotente e pequeno. Brando era tremendamente perigoso ali, exatamente naquele instante único, tendo chegado ao limite extremo de tornar-se irracional (se já não estava antes), dominado pela raiva na sua quintessência e pelo desejo insaciável da vingança que considerava justa, produto de suas derrotas na vida, do desaparecimento do filho, pelo suicídio da mulher, não escandaloso, mas triste, como triste é todo suicídio... e ele agora queria a vingança, matar em nome do passado, como se isto lhe trouxesse justiça ou paz...

Evidentemente que iria reagir de alguma forma, vendo seu plano mirabolante falhar, miseravelmente falhar - ainda mais porque sabia que, depois de todas as suas acusações, fundamentadas, jamais teria outra chance de um encontro privado. Alguém que chega ao ponto em que chegou, capaz de tomar friamente a decisão que tomou, extrema, drástica, definitiva,

verdadeira loucura mergulhado no ódio sem fim, nada mais teria limite. Ele cruzara a tênue linha que separa dois mundos distintos. Dera o passo sem retorno e nada mais conseguiria detê-lo em sua saga, hoje ou depois, enquanto não visse seu desejo cumprido. Nada mais o faria retornar à normalidade, à razão e alguém capaz de matar também é capaz de morrer, pois há inversão de valores e de objetivos.

Estranhamente, Vigo acalmou-se um pouco, embora ainda sentisse um turbilhão de centenas de pensamentos diferentes e desordenados em tempestade no seu cérebro. Afinal, que mais podia fazer? Ficou sentado, com o olhar perdido na maldita taça que parecia encará-lo, num estranho convite quase irresistível. Ficou de olhos fixos, como um condenado inerte à espera do momento final de subir o patíbulo para a execução da sentença não comutada, no cadafalso medonho que o aguardava. Procurava lembrar-se de alguma fórmula mágica para escapar do labirinto sem fim, mas estava cego, estava surdo e estava mudo - não conseguia sequer pensar num palpite, numa sugestão ao acaso, um conselho providencial. Teve um forte receio de tocar a taça de novo e impulsivamente limpou a mão na camisa, como se exorcizasse o demônio da tentação. Aquele maldito pedaço de vidro brilhante e translúcido era a baba do diabo, prenúncio de dor, de escuridão, de eternidade...

Mas ainda assim tinha um trunfo na manga, importante e fundamental: ele sabia o que estava acontecendo, sabia o que a taça continha de mais forte naquela dose do uísque amarelo, uma poção generosa de um veneno, evidentemente fatal. Claro que não sabia a sequência dos acontecimentos, mas de algo estava certo - não beber, não sorver uma gota sequer, o que lhe causaria uma cólica instantânea, um estrago incurável no seu metabolismo em evolução. Ou beberia? Quem sabe se...?

Examinou a taça, de novo. O desenho de um Cavalo, do jogo que tanto apreciava, que parecia olhá-lo no fundo dos olhos, tão perfeito em suas formas, com a crina penteada, só faltava relinchar. Duas taças iguais, como duas colunas góticas na forma, tamanho, cor, conteúdo, desenho...e naquele exato instante, olhando de novo, de novo com desespero, de novo com medo, veio a solução! Incrível como as coisas acontecem... num momento de terror, uma ideia de gênio!...

Embora ainda com um turbilhão de pensamentos borbulhando efervescentes em seu cérebro atribulado, num átimo de segundo surgiu a solução para seu angustiante problema, milagrosa, inteirinha, deliciosamente apetitosa e irrecusável. Num gesto mecânico, mais por medo, rápido com um gato assustado e com o pelo arrepiado, ele rapidamente trocou as taças de lugar! Apesar do friozinho incômodo da noite, sentiu uma baga de suor descendo devagar por sua testa luzidia, de puro medo de ser apanhado de repente, no ato sem retorno. Seu gesto foi rápido, preciso, silencioso, com tanta exatidão que não precisou sequer conferir se de fato havia feito aquilo e de forma correta... Sim, sim, tinha trocado as taças!

Encostou-se na sua cadeira, com o ar meio abobalhado, mal acreditando no que havia feito, mal acreditando no milagre da solução tão simples que surgiu do nada e representava tudo. Conseguira trocar as taças! Estava feito... não sentiu remorso, mas sentiu pena. Sentiu que estava defendendo sua vida. Não era um assassino. Afinal, também não tinha certeza de que havia algum veneno por ali. Podia ser, podia não ser... mas na dúvida!...

Foi tomado de uma sensação estranha...uma calma total. Sentia-se mais vítima do que qualquer outra coisa, pois afinal não fora ele quem iniciara toda a trama, todo o processo longo, produto de tantos anos de maturação. Apenas se defendera, na falta de outra chance. E havia feito a única coisa que lhe ocorrera no momento, depois da tempestade e do tsunami de medo e angústia. Se não havia veneno na sua taça, muito menos haveria na do professor. Beberia agora até à última gota... Sentia-se revigorado e até mesmo pronto para eventual contra-argumentação, se preciso fosse. Ou ficaria calado, que era a melhor política. Só não sabia como evitar que o professor bebesse na nova taça, antes a ele endereçada por portador especial. Mas, também agora não se preocupava mais com isso. O importante, para ele, era se salvar. E se salvou. Conseguira se salvar sem nenhum ato espalhafatoso, sem mentira, sem gritos e desespero, sem escândalo capaz de despertar suspeitas, sem violência. Tudo feito com uma simples e providencial troca de taças. Agora era mera questão de aguardar o desenrolar dos acontecimentos a partir dali. Oh, sim, o primeiro passo do ato insano tinha sido dado pelo outro. Ele simplesmente dera o último... não sentiu culpa. Sentiu alívio...

E também agira no momento certo, no instante único, na última hora, pois Brando Cantenas havia encontrado o documento que citara antes e estava voltando, ainda arrastando como sempre os chinelos que já estavam bem cansados. Nas mãos, algumas folhas soltas, datilografadas apenas de um lado, numa máquina antiga e com pequenas falhas nas teclas, especialmente em algumas consoantes da primeira fila...as vogais, apesar de as mais usadas, se salvaram alfabeticamente. Continuava nervoso, sim, talvez mais ainda, e ainda fumava sem parar, pronto para continuar com a exposição do fel de sua amargura. Ao se sentar, não deu a mínima impressão de ter notado algo diferente, muito menos a troca das taças, para as quais sequer olhou. E mesmo que as olhasse, claro que nada perceberia, pois ambas ainda continuavam intactas.

Claro que jamais notaria qualquer mudança no cenário. Primeiro, evidentemente porque jamais suporia que tal coisa tivesse acontecido e, depois, tinha outras preocupações mais imediatas e mais importantes. As duas taças continuavam ali, com a mesma quantidade do líquido, esperando pelos sedentos. Brando sacudiu nervosamente no ar as páginas soltas, como copas de uma árvore balançadas por uma lufada de um vento ameno e brincalhão.

- Aqui está toda a documentação, Vigo...e tenho duas cópias com meu advogado, com instruções detalhadas para as ações necessárias - disse, acendendo mais um cigarro, que o acalmava um pouco.- Não tenho o mínimo receio de que queira levar isto com você. Pode levar. Vai tomar conhecimento de toda a história, o teor das acusações que eu detalhei numa longa lista. Pode levar...é a concessão que lhe faço.

- Muito bem, Brando, muito bem - respondeu, em tom conciliador, recebendo a papelada que sequer se deu ao trabalho de ler naquele instante, como que aceitando a derrota inapelável, tentando desviar ainda mais a ira alheia para que não tomasse outra atitude que não fosse a (frustrada) tentativa de envenenamento. - Eu estou disposto a correr o risco do processo. Vou levar o material para casa, para estudar com calma e encontrar minha defesa. Tenho esse direito, não?

- E o único direito que eu tive foi o de sofrer... Você pode fazer o que quiser, o que achar melhor e mais conveniente. Isto não me diz respeito, pois é seu problema, Vigo. Eu, de minha parte, apenas cumpri aquilo que minha consciência me impunha. Tirei do peito a dor aguda, que você não conhece ainda, mas vai conhecer... uma dor que me apunhalou durante tanto tempo.

Enquanto Brando falava, levantou-se de repente, mudando o tom da voz e dirigindo-se até à estante.

- Esta música já está me incomodando - disse.- Vou baixá-la um pouco para poder ter mais paz.

Foi para trás da estante e abaixou vagarosamente o som da música que continuava incomodando. E sem que Vigo o percebesse, num gesto pensado e feito com calma, abriu a gaveta central e como um punquista experiente pegou o vidrinho de veneno, que colocou no bolso e, para ganhar tempo, deixou a gaveta aberta que, cúmplice, desta feita não teve a chance de emitir nenhum som. Brando, sem deixar que o outro percebesse coisa alguma, voltou para continuar a conversa, agora mais audível pela música que apenas sussurrava ao longe...

- Claro que isto não vai trazer minha mulher e meu filho de volta, mas talvez me leve até eles! Eu simplesmente não podia me calar ainda mais, aceitando passivamente tudo com espírito de herói. Não, eu não consegui tanto, não tenho vocação para herói, nem masoquista. Eu tinha que tomar uma atitude, não uma atitude de macho ferido e desvairado, mas de homem sensato. É uma atitude correta? Errada? Não sei, Vigo, sinceramente não sei. Não me importa, nem quero saber. Ela foi tomada e está sendo cumprida.

- Muito bem...vamos ver no que isso vai dar. Eu tenho que me defender, se se tiver que pagar... eu entendo...

- Eu acho que você não entende nada.. mas é isso aí...

- Não quero mais discutir sobre isso...

- Veja a página 3, Vigo...veja a lista de acusações que faço...

O outro folheou rapidamente a papelada, à procura de tal página.

- Veja aí a lista de acusações. Deixe-me mostrar-lhe a principal delas.

Aproximou-se do homem sentado e apontou com o dedo os itens da página 3.

- Veja, veja aqui tudo o que eu encontrei para levar ao conhecimento das autoridades...

Enquanto Vigo procurava ler a lista, Brando sutilmente, sem que Vigo percebesse o gesto, já que estava concentrado na leitura, pegou o vidro de veneno, pequeno e

mortal, e corajosamente o colocou no bolso direito do casaco do visitante, que estava na cadeira...

- Está sentindo o que o espera, Vigo? - perguntou, voltando para seu lugar e se sentando de imediato, acendendo mais um cigarro para se acalmar.

- Bem... são as mesmas acusações que fez ao vivo, Brando. Nada de novo no front...

- Mas estas estão assinadas!

- Como eu disse antes, chega de falar disso. Não quero mais discutir.

- Nem deve, nem deve... Não tem argumentos, não tem defesa, não tem nada, nada.

- Está bem, vamos à celebração - resolveu Vigo dizer, querendo acabar logo com aquela farsa tragicômica. - Já que esta foi nossa última partida, já que você disse tudo o que tinha a dizer, vamos pôr um ponto final neste caso, um fim nesta agrura em que nos metemos.

- Claro, claro que sim. Sim, vamos beber em homenagem à nossa última partida - e Brando tremia os lábios, mostrando o extremo estado de nervos que ainda o acometia fortemente naquele instante, principalmente naquele momento delicado, o que se via perfeitamente no tremor exagerado das mãos que se moviam quase incontrolavelmente e nos lábios que teimavam em acompanhar o ritmo frenético.

Vigo, por seu lado, estava calmo agora, aparentemente calmo, o que o ajudava a transmitir a ideia de não saber que sua taça continha uma dose mortal de veneno (ou melhor, sua ex taça...). Como sabia perfeitamente o que estava acontecendo, para demonstrar seu desejo, sua cooperação na farsa, pegou sua taça com decisão, clara e direta, e com aparente naturalidade balançou-a levemente à sua frente, cheirou-a para dar a entender que apreciava o odor da bebida amarela, apreciando o aroma do precioso líquido... girou-a lentamente, uma vez mais, num gesto característico, ritual comum entre os apreciadores de bebida, vendo o uísque rodar lentamente em círculos concêntricos...em seguida fez um cumprimento silencioso, elevando a taça em saudação e, com decisão final, levou-a aos lábios...

Brando o olhava, numa ânsia incontida, com um olhar brilhante e fixo. E Vigo bebeu... Bebeu tudo, num gole só, antes que se arrependesse. Em seguida, como se tivesse apreciado em demasia o gosto do uísque falsificado, molhou os lábios com a língua, língua que mais parecia uma cobrinha invertebrada e curiosa, ligeira, correndo de lado a lado, mostrando ter gostado da bebida encorpada, lambendo o restinho que teimava em permanecer em suas glândulas gustativas e molhadas. Olhou para o professor à sua frente, esperando que ele imitasse seu gesto. Afinal, ele fizera o seu lance... agora era a vez do outro. O olhar do outro parecia estar hipnotizado, parecia mostrar que estava se assegurando que, de fato e por direito, Vigo consumira o conteúdo de sua taça de vidro polido...

E aí, por seu turno, Brando Catenas pegou sua taça com certa rispidez. e o coração de Vigo disparou uma vez mais. Estava vendo um assassinato! Mas ele não era um assassino! Ele apenas se defendera... não fora ele quem colocara veneno naquela taça... pensou, com conforto, tentando se acalmar. E Brando, num gesto de decisão final, não rodou a bebida, não a levantou em saudação, mas simplesmente bebeu, bebeu até o fim, fazendo ao final uma cara de nojo, como se a bebida tivesse sido amarga, extremamente amarga. Bebeu tudo em dois goles consecutivos, sem parar, sem emitir um som... o líquido lhe desceu como a água de uma catarata. Ele não piscou enquanto sorvia o líquido; apenas um leve tremor nos dedos compridos e esqueléticos, segurando a taça com firmeza da mão direita, mais parecendo os tentáculos de um pianista clássico, acostumado às oitavas de longos acordes lentos de semitons. Curiosamente, um violino se contorcia acrobaticamente num prelúdio triste, ao fundo.

Fechou os olhos enquanto sorvia a bebida amarela, sem gelo e sem hesitação e, ao terminar, estalou estrepitosamente a língua, gesto plebeu de quem gostou. Num ato, também característico, lambeu ao final o lábio superior e também sua língua parecia uma coral vermelha e serelepe, que tentava enxugar algumas gotas rebeldes que teimaram em ficar de fora. Pronto... estava feito! Aparentemente nenhuma mudança no comportamento de ambos. Um novo e respeitoso silêncio entre eles... ninguém mostrava ansiedade, arrependimento, alívio. Apenas cumpriram seus papéis à perfeição, um diante do outro, tão perto e tão longe...

Enquanto Vigo vigiava, atento e sem externar nenhuma emoção palpável, apenas observando sua reação, ele colocou a taça, ora vazia, de volta à pequena mesa e coroou o gesto de maneira típica, da única forma a que estava acostumado - isto é, acendendo mais um cigarro com o indefectível filtro amarelo, uma vez mais dando a impressão de não estar percebendo que um outro ainda fumegava no cinzeiro eternamente cheio e sujo e com vontade de tossir pelo incômodo das cinzas amorfas e da fumaça insistente, que ainda subia naquela dança de ventre sem muito ensaio, sem coordenação. E desta feita, caprichosamente, ele não se esqueceu de sua mania doentia: ver o palito de fósforo se queimar por inteiro.. e ali ficaram os dois homens maduros, contemplando, como se fosse um presente de natal, a diminuta tocha consumir-se numa chama bruxuleante.

Toda essa pantomima se dava num silêncio até mesmo constrangedor, de lado a lado... um silêncio com cheiro fúnebre e ar de velório.. cada um esperando pela reação do outro, em espasmos de dor e ranger de dentes. Davam a nítida impressão de que se entendiam maravilhosamente, sem nada combinado antes. O bancário fungou de leve, com o tremor do olho esquerdo insistindo e agora mais forte ainda. Em vez de vítima, tornara-se algoz. De aparência tranquila, seu interior era um vulcão ardente. Não se sentia um criminoso, um assassino frio, impessoal, insensível, letal, sem misericórdia... Não fora ele quem dera início a tudo aquilo. Apenas se defendera e se defendera da melhor forma possível, como qualquer outro o faria. Não começara a batalha, mas sentia que estava ganhando a guerra.

- Vigo - recomeçou o professor, agora com a voz grogue, pastosa, os olhos pequeninos brilhando intensamente, gestos ainda mais lentos, alguma dificuldade em soltar as palavras, dando a impressão de estar sentindo os eflúvios alcoólicos da bebida.- minha vida não tem mais sentido... não tem mais o mínimo sentido...

- Já disse isto...e como não tem? O futuro ainda espera, Brando...

- Não, não... muito pelo contrário... só tenho passado e um restinho de presente... Como não tenho mais filho... com o desaparecimento de Sara... o que mais me resta?

O mutismo do outro foi a resposta mais eloquente. Como convencer aquela alma atribulada, depois da bebida...? Não havia palavras de conforto. Não havia palavras de mais nada, nem de adeus.

- A mim, Vigo....- continuou, fungando , tragando o cigarro com fome, com voracidade, como se ali estivesse a fonte de sua vida, seu ar, seu oxigênio, seu sangue - a mim pouco me importa o futuro, que eu não tenho... não nesta altura da vida.. Só meu passado e meu presente contam agora..e os dois foram marcados pela tristeza imensa de ter perdido toda razão de viver. Tudo o mais se esfumou..e assim sendo, viver como vivo, amargurado, com o ódio extremo no coração me consumindo noite e dia, dia e noite..lembranças dolorosas como cicatrizes que vivem ardendo dentro de mim... isto não tem razão, não tem sentido, não tem futuro, não tem nada. Morrer é o mesmo que viver, no meu caso...está me acompanhando...?

-Sim, sim - respondeu o outro, sabendo do que ele falava e cansado de tudo aquilo...queria apenas que o negócio terminasse logo, num efeito do destino...

- Mas eu tinha que fazer alguma coisa, alguma coisa urgente, necessária... eu vou...eu vou... Quero lhe confessar uma coisa.. muito importante, que eu fiz. Não me arrependo nem um pouquinho e pensei muito até tomar a decisão final, irrecusável. Depois do primeiro passo que dei, eu não consegui mais parar, tudo foi definitivo e dentro do prazo que estipulei. Ou melhor, eu talvez não tenha pensado tanto assim, porque poderia me arrepender, não ter coragem de seguir adiante, até o fim... não fazer o que eu achava que tinha que ser feito... e seria covardia de minha parte. É melhor se arrepender do que se fez do daquilo que se deixou de fazer.. sei lá..! E eu fiz, Vigo, eu fiz.... está tudo muito confuso agora.. De qualquer maneira, fique sabendo que eu não me arrependo um tiquinho sequer...

- Nem eu! (pensou Vigo, agora entrando no jogo para valer). Mas que decisão foi esta, professor, ? - perguntou, dando corda, sabendo a resposta, querendo ouvir a confissão, embora seu olho esquerdo tivesse começado a tremer de uma maneira incrível, como nunca antes, disparando numa corrida desenfreada e sem razão aparente.

- É o seguinte... preste bastante atenção... desde o momento em que você entrou nesta sala, eu liguei uma câmera oculta, que está filmando tudo o que se passa aqui...e você não sabe, nem vai saber, onde está a lente...

- Filmando Nós fomos filmados?

- Nós estamos sendo filmados...desde o começo. Eu também deixei com meu advogado instruções para recuperar a fita...

- Mas... por que você fez isto, Brando? Qual o motivo...? - perguntou, também com voz pastosa, lenta e estranha.

- Você vai saber...e você, durante todo o tempo, deixou suas impressões digitais nos lugares em que tocou... portanto, jamais vai poder negar a presença, ainda mais porque o filme traz a data e a hora...E nessa documentação que vai levar, eu afirmo que você vivia me ameaçando de morte..

- Eu ? Eu? Eu vivia o ameaçando...de morte...?

- Seu passado o condena, Vigo...você vai ter que se explicar para as autoridades...você vai ser acusado pelo que vai acontecer nesta sala,.. ou do que já aconteceu...só falta o desfecho - e engoliu em seco, com dificuldade de se expressar.

- Acusado de quê? - e a voz de Vigo estava rouca, profunda, como se estivesse saindo do fundo de uma caverna solitária no deserto.

-No início de nossa conversa, eu disse que hoje era o dia V... e nós falamos em Vitória, Vexame, Vingança...mas faltou uma palavra, no caso...

- Mais uma...? Mais uma...? Qual palavra, Brando...?

- Veneno, Vigo, veneno...

- Veneno? -perguntou, fingindo surpresa, mas ficou surpreso ao notar a dificuldade que estava tendo em concatenar suas frases, seus pensamentos...estava se sentindo muito estranho, na verdade...

- Sim, sim..veneno...o mesmo veneno que matou Sara...do mesmo vidro..um veneno fatal, que faz efeito irreversível em menos de 10 minutos...

-10 minutos? Só 10 minutos? - e Vigo sentiu uma vontade quase incontida de conferir o relógio do pulso esquerdo, para ver quando os efeitos começariam a se manifestar no professor, mas sentiu uma estranha preguiça de mover os braços, que pareciam adormecidos...e ele estava querendo que aquela encenação acabasse de vez, pois sentia-se estranhamente surdo, de repente, com a voz parecendo vir em duplicata bem de longe, do fundo de um corredor de sombras e cheio de pedras...

- Sim, Vigo, veneno puro...você também me matou...

- Eu...eu o matei...?

- Está ouvindo a sirena chegando lá fora, Vigo...? É a polícia chegando...eu telefonei a ela, dizendo que você estava aqui, que estava me ameaçando matar...

Sim, Vigo, o bancário, estava escutando uma sirene se aproximando, mas o som estava reverberando na sua cabeça e com o drama que enfrentava tudo parecia uma ilusão. Sentiu uma picada aguda no lado esquerdo do peito e o coração começou a disparar violentamente, taquicardia no mais alto nível, a pleno vapor, num ritmo louco de rock da

pesada, alucinante, com toques lancinantes e prolongados.. notou que seus lábios, antes trêmulos, começaram a ficar dormentes, de repente... Alguma coisa estava errada, muito errada naquela história.

Seus tímpanos pareciam estar estourando e um repentino escurecimento da visão fez com que o tique nervoso do olho esquerdo parasse, de repente, como que entorpecido...enquanto o coração disparava como o rufar de tambores no momento do desenlace do espetáculo circense...a boca ficou completamente seca, a cabeça começou a girar, girar, girar...parecia que estava numa montanha-russa, descendo uma rampa longa e cheia de curvas a toda velocidade...tinha a nítida impressão de que estava começando a sentir um cheiro estranho de morte...o tabuleiro tornou-se um borrão e as peças nem mais existiam... já não estava mais escutando a música e todos os sons vinham de bem longe, mas ainda assim teve tempo de ouvir, antes de fechar os olhos opacos, a última frase do professor Brando Catenas, que veio de profundezas desconhecidas...

- Vigo Pamplona... você me matou também... eu sou a sua terceira vítima...e você vai responder por tudo isso... porque... porque eu coloquei veneno na minha taça...eu acabei de me suicidar...!!



